

A ^{24/1} **Liahona** janeiro 1971





Mensagem de Inspiração

Gordon B. Hinckley
do Conselho dos Doze

O Senhor nos tem aconselhado e dado mandamentos sobre tantas coisas, que nenhum membro da sua Igreja precisa jamais equivocá-lo. Ele estabeleceu normas no tocante à nossa virtude, benevolência, obediência à lei, lealdade ao governo constituído, observância do dia do Sábado, sobriedade e abstinência de álcool e fumo, pagamento do dízimo e ofertas, cuidado dos pobres, cultivo do lar e da família, promoção do Evangelho, para mencionar somente uns poucos.

Acêrca de todos eles, é perfeitamente dispensável qualquer argumentação ou contenda. Se prosseguirmos firmemente no rumo da aplicação da nossa religião em nossas vidas, favoreceremos sua causa mais efetivamente do que por qualquer outro meio.

Poderá haver os que tentarão afastar-nos, quem nos queira enganar. Poderemos ser menoscabados e desacreditados. Poderemos sofrer invectivas e mesmo ser ridicularizados perante o mundo.

Existe quem, tanto dentro como fora da Igreja, procura compelir-nos a mudar nossa posição em certos assuntos, como se fôra nossa prerrogativa usurpar uma autoridade que pertence somente a Deus.

Não desejamos alterar com quem quer que seja. Pregamos o Evangelho da paz, mas não podemos ignorar a palavra do Senhor, segundo nos foi dada a conhecer através de homens que apoiamos como profetas. É preciso que nos mantenhamos firmes e digamos como Barbara Tuchman, historiadora galardeada com o Prêmio Pulitzer: "Isto é o que eu creio. Isto farei e aquilo não. Este é o meu código de conduta, e aquilo está fora dêle" ("The Missing Element — Moral Courage", McCall's, junho de 1967, p. 28)

Nêste número

Mensagem de Inspiração. Gordon B. Hinckley	2
Guardareis os Meus Mandamentos. Pres. Joseph Fielding Smith	3
BATISMO — Por que aos Oito Anos. C. N. Ottosen	5
Sete Sinais de Alerta... Lindsay R. Curtis	9
O Verdadeiro Conhecimento da Trindade. Richard O. Cowan	14
Cumprir as Promessas. David Lawrence McKay	16
CERTO. Rosalind R. Draper	17
A Gaita de Foles do Bisavô MacDougal's. Rosalie W. Doss	18
Decoração de Pedras. Peggie Geiszel	20
Patriotismo. Bispo John H. Vandenberg	21
Conheça a si Mesmo... Kathlenn Pedersen	23
Viver Verdadeiro. Elayna Louise Barber	27
O Poder do Testemunho. Mark E. Petersen	28
"Buscais e Encontrareis". Johann A. Wondra	29
Um momento de oração... Carla Sanson	31
Notícias da Igreja no Brasil.	32
Se Estivesse Acontecendo Conosco. Richard L. Evans	40

Capa

Na época em que Jesus "começava a ser de quase trinta anos (Lucas 3:23), êle deixou Nazaré (cêrca de 25 km a oeste da foz do Jordão), de onde, descendo ao vale dêsse rio, teria ido uns 112 km para o sul até "Betânia, da outra banda do Jordão, onde João estava batizando" (João 1:28), localidade situada 6 km ao norte da entrada do Jordão, no Mar Morto. Ali, nas águas turvas e lentas do Jordão, Jesus foi batizado. "E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre êle. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." (Mateus 3:16-17) A capa dêste mês reproduz um quadro ilustrativo dessa cena batismal. A pintura é de autoria de Harry Anderson, sendo que reproduções da cena são utilizadas pela Igreja para pregar o Evangelho nos centros de visitantes. Na pág. 5, os leitores encontrarão o artigo **Batismo — Por que aos oito anos?** a êle relacionado.

A Liahona

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

Aldo Francesconi

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Correspondente

Estevam Giagnório

Estaca São Paulo Sul

R. Catequese, 432, Santo André, SP

Correspondente

Armando Jekabson

Missão Brasil Central

R. Henrique Monteiro, 215

CP 20.809, São Paulo, SP

Tel. 80-4638

Correspondente

Bruce G. Howard

Missão Brasil Sul

R. Dr. Flôres, 105, 14.º

CP 1513, Pôrto Alegre, RS

Tel. 24-9748

Correspondente

Wilma Bing Torgan

Missão Brasil Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB

Tel. 225-1839

Correspondente

Charles K. Gunn

Construção Geral no Brasil

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP

Tel. 288-4118

Correspondente

Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico

Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263, impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Subscrições: Tôda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 10,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,00; exemplar atrasado: Cr\$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Guardareis os Meus Mandamentos

Presidente Joseph Fielding Smith



“Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.” Estas palavras foram endereçadas pelo Mestre aos seus discípulos, poucas horas antes da sua morte, enquanto reunidos para a ceia da Páscoa judaica. Em seguida, prosseguiu: “Aquêlê que tem os meus mandamentos e os guarda êsse é o que me ama; aquêlê que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a êle.

“Disse-lhe Judas (não o Iscariotes): Senhor, donde vem que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo?”

“Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para êle, e faremos nêle morada.

“Quem não me ama não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou.” (João 14:21-24)

Somos membros da Igreja, para que possamos ser estabelecidos na verdade que liberta os homens. Foi-nos declarado que, na Igreja, poderíamos encontrar a palavra do Senhor, e por isso todos nós nos batizamos com a esperança e o desejo de guardar seus mandamentos, fazer convênios e assumir obrigações que nos trarão a vida eterna. Seria trágico se agora, depois de selecionar dentre aquêles que são “do mundo” (Veja João 17:14), segundo o que foi predito pelos antigos profetas, permitissemos, por qualquer motivo, que o adversário penetrasse em nosso coração, para destruir a

“Que vos ameis uns aos outros...”

João 13:34

verdade e nosso mútuo amor. Se realmente amamos a Jesus, guardaremos seus mandamentos.

Se houver quem o ofende ou deixa de guardar seus mandamentos, isto evidência que não ama ao Senhor. É preciso obedecer-lhe. Através de nossas obras, demonstramos que amamos ao Senhor nosso Deus de todo o coração, poder, mente e fôrça; em nome de Jesus Cristo o servimos, e amamos a nosso próximo como a nós mesmos. (Veja D&C 59:5-6) Esta é a palavra do Senhor, segundo foi revelada nestes tempos modernos para a orientação de Israel. Devemos ter em nossos corações um sentimento de amor por todos os nossos semelhantes. Se seguirmos os mandamentos do Senhor, não é possível que sintamos ódio por nosso próximo, seja êle da Igreja ou não. Que direito teremos de questionar ou achar falta ou procurar destruir o proveito de nosso irmão, seja êle quem fôr? Não somos meros amigos ou cidadãos de uma comunidade, estado ou nação, mas, sim, irmãos e irmãs.

“Um nôvo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: como eu vos amei. A vós, que também vós uns aos outros vos ameis.” (João 13:34) “Um nôvo mandamento” — não obstante, à semelhança de tantos outros mandamentos, é tão velho como a eternidade. Nunca houve época em que não existisse êsse mandamento e não fôsse essencial para a salvação e, no entanto, é sempre nôvo. Nunca se torna ultrapassado, porque é a verdade.

Pouco após a organização da

Igreja, o Senhor disse que nela estabelecera “um convênio nôvo e eterno, o mesmo que existiu desde o princípio.” (D&C 22:1) Estas são palavras muito significativas. Era um nôvo e eterno convênio, não obstante ter existido sempre, desde o início. E assim também o nôvo mandamento de nos amarmos uns aos outros sempre existiu. A verdade não envelhece. O princípio do amor é idêntico hoje como ontem, e será o mesmo amanhã. Se eu não estiver em harmonia com êste princípio que é um princípio da verdade eterna, então estarei sob condenação diante do Senhor e não tenho nenhuma associação com êle.

Jesus disse: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para êle, e faremos nêle morada.” (João 14:23) Será que entendemos plenamente o que isto significa? A sublime promessa feita aos membros desta Igreja, que estão dispostos a acatar a lei e guardar os mandamentos do Senhor, é que não somente terão um lugar no reino de Deus, mas também a presença do Pai e do Filho; e não é só isso, pois o Senhor prometeu que tudo o que êle possui, ser-lhes-á dado. Esta verdade é claramente exposta na seção 84 de Doutrina e Convênios:

“Pois aquêles que forem fiéis até a obtenção dêstes dois Sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.

“Êles se tornam os filhos de Moisés e de Aarão e a semente de

Abraão, e a igreja e o reino e os eleitos de Deus.

“E também todos os que recebem êste Sacerdócio, a mim me recebem, diz o Senhor;

“Pois aquêle que recebe os meus servos, a mim me recebe;

“E aquêle que me recebe a mim, recebe o meu Pai.

“E aquêle que recebe o meu Pai, recebe o reino de meu Pai; portanto, tudo que meu Pai possui ser-lhe-á dado.

“E isto é de acôrdo com o juramento e convênio que pertence ao Sacerdócio.” (D&C 84:33-39)

Se guardarmos os mandamentos do Senhor, deleitar-nos-emos com a presença tanto do Pai como do Filho, e receberemos o reino do Pai e seremos herdeiros de Deus — co-herdeiros com nosso Irmão maior. (Veja Rom. 8:17) Ó, quão maravilhosas, quão sublimes são as bênçãos do Senhor prometidas aos santos dos últimos dias e a todos os que se dispõem a passar pelas águas do batismo, serem fiéis à lei e guardarem os mandamentos do Senhor!

Amemos ao Senhor, pois isto é o fundamento de tôdas as coisas. É o primeiro mandamento. O segundo, semelhante a êle, é amar ao próximo como a si mesmo (Veja Mateus 22:37-39); e se assim fizermos, tere-mos cumprido a lei, pois nada mais restará a ser feito. Deus nos abençoe, meus irmãos e irmãs. Permaneçamos firmemente unidos no serviço do Senhor.

BATISMO - Por que aos Oito Anos?

C. N. Ottosen

Cristo tornou claro a Nicodemos que "aquêles que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus", acrescentando ainda para maior clareza: "Não te maravilhes de ter dito: Necessário vos é nascer de novo." (João 3:5,7) O arrependimento e o batismo são requisitos necessários para ingressar na Igreja de Jesus Cristo. São a porta pela qual todos têm de passar, a fim de obterem remissão de seus pecados, para tornarem-se dignos de receber o Espírito Santo e virem a ser membros do reino de Deus. (Veja Atos 2:38, Néfi 31:17)

Este mandado se aplica a todos os homens, pois, segundo Cristo afirmou a João por ocasião de seu batismo: "Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça" (Mateus 3:15) A única exceção são as crianças. "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus," disse Cristo. (Mateus 19:14) Depois, colocou as mãos sobre eles e os abençoou. O profeta Mórmon declarou que "as criancinhas não podem

se arrepender;... E aquêles que disser que as criancinhas necessitam de batismo, nega as misericórdias de Cristo, despreza a sua expiação e o poder de sua redenção." (Morôni 8:19-20) Segue-se naturalmente que essa afirmação de Mórmon e passagens similares das Escrituras são aplicáveis somente até que a criança chegue ao ponto de ser capaz de arrepender-se, de distinguir entre o certo e o errado, começando a ser responsável por seus próprios atos. Depois de ter atingido tal ponto, também ela precisa "nascer da água e do Espírito", para poder entrar no reino de Deus e filiar-se à Igreja de Cristo.

O fato de o batismo ter sido declarado por Cristo como obrigatório para todos os homens não entra em conflito com a declaração de Mórmon sobre a desnecessidade do batismo de crianças. É óbvio que, durante a primeira infância, o arrependimento seria coisa impossível; porém, a certa altura do desenvolvimento posterior, torna-se viável. Qualquer coisa contrária seria repulsiva a um bondoso e sábio Pai Celestial. É de se esperar que venha uma época na vida de uma personalidade em desenvolvimento, em que ela possa ser convocada para responder pelos seus atos, arrepender-se dos erros cometidos e "cumprir toda a

justiça", assim como todos os demais homens.

As igrejas que praticam o batismo infantil e procuram defender sua posição, descobrem que lhes é impossível justificá-lo pelas Escrituras ou de outra forma. Os pontos de vista dos clérigos variam; Santo Agostinho afirmou ser o inferno o destino de todas as crianças não batizadas, mas também escreveu à guisa de escusa: "Estou, creiam-me, assediado por não pequenas dificuldades e bastante confuso quanto ao que responder." Vincent Wilkin, capelão católico da Universidade de Liverpool, Inglaterra, condescendia teorizando que as crianças não batizadas iriam para o céu, porém não antes do fim do mundo, quando da vinda de Cristo, ocasião em que o pecado original, bem como a morte, serão abolidos. As crianças, então, poderiam entrar no céu, porque seu único pecado era o original.

A revelação moderna veio esclarecer o assunto e testificar o fato de que as crianças abaixo da idade do discernimento e responsabilidade não serão impedidas de entrar no reino de Deus, estando isentas da submissão à ordenança do batismo até chegarem à idade responsável. O Senhor instruiu a Igreja através do Profeta Joseph Smith que "nin-

C. N. Ottosen, líder do grupo de sumo-sacerdotes da 2.ª Ala de Wasatch, em Salt Lake City, é comissário de seguros do Estado de Utah.

guém pode ser recebido na Igreja de Cristo a não ser que tenha alcançado a idade de responsabilidade diante de Deus, e seja capaz de se arrepender," (D&C 20:71), e, mais especificamente, que ... "quando alcançarem os seus filhos os oito anos de idade, deverão ser batizados para a remissão de seus pecados, e receberão a imposição das mãos" (D&C 68:27). E cabe aos pais providenciar que a criança compreenda o significado do arrependimento, seja ensinada a ter fé em Cristo o Filho de Deus, e preparada para essa ordenança naquela idade, para que o pecado não caia sobre a cabeça deles. (Veja D&C 68: 25)

Até que ponto será ou não arbitrário determinar oito anos como a idade responsável? Como a idade em que deles se pode esperar discernimento e critério, de modo a poder exigir-lhes arrependimento e batismo? Haverá qualquer fundamento de fato, experiência ou lógica que garanta a determinação dos oito anos como a idade de responsabilidade? Serão capazes de saber a diferença entre o certo e o errado? Serão capazes de arrependerem-se e assumirem as responsabilidades da nova vida, oportunidades e obrigações decorrentes do batismo e recebimento do Espírito Santo?

Será interessante notar que em certas áreas de estudo e atividades, as crianças aos oito anos são de modo geral, consideradas como tendo alcançado a idade de responsabilidade, iniciando o período de desenvolvimento no qual são capazes de exercer discernimento, critério e auto-disciplina, a compreender o perigo e a conhecer a diferença entre o bem e o mal. Segundo pesquisas realizadas no campo da psicologia infantil, os traços de maturidade da criança de oito anos respondem a essas questões vigorosa e afirmativamente e corroboram as conclusões acima.

Como é a criança de oito anos? Os doutores Arnold Gesell e Frances L. Ilg, da clínica de desenvolvimento infantil da Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, realizaram estudos e pesquisas durante anos, analisando os processos de desenvolvimento, crescimento e raciocínio infantil, chegando às seguintes conclusões:

Aos oito anos, a criança é mais "pessoa" segundo o padrão adulto. Uma de suas tendências dominantes é avaliar e aquilatar o que lhe acontece e qual a causa que o provoca.

Conseguiu destacar-se bastante do domínio paterno e dos professores. Ela e seus colegas de escola suprem a própria disciplina e controlam suas atividades através de mútua crítica e atribuição de responsabilidades.

Sente-se envergonhada com muito mais freqüência; experimenta uma crescente aversão à falsidade. Admite suas culpas, e suas ações revelam respeito aos padrões e retidão moral. Está aprendendo a perder e aceita inibições e limites estabelecidos pelos companheiros de idade.

Já não está mais na primeira infância. Aos cinco, seis e sete anos, ela entrou em contato com facetas de áreas crescentes do mundo humano, percebendo apenas lampejos e adaptando-se aos poucos; mas aos oito, começa a tirar conclusões e efetuar distinções, e seu universo tornou-se menos desconexo. Ela vê a si própria como uma pessoa entre pessoas — como um membro da sociedade. Tem interesse em avaliar seu próprio desempenho e seu relacionamento com os outros, e quer atingir o padrão estabelecido para ela.

A criança de oito anos já tem mais capacidade de dirigir seus pensamentos, de decidir-se, de cogitar

nas coisas até resolvê-las. Deseja ser boa e tem agora consciência das duas forças opostas do bem e do mal. É mais responsável por seus atos, dispondo-se a assumir as conseqüências. Demonstra mais apêgo à verdade e um ativo interesse pela religião e a Bíblia. Mostra maior iniciativa em enfrentar seu meio ambiente.

O Dr. Benjamin S. Bloom, em sua obra **Stability and Change in Human Characteristics**, afirma mesmo que, antes dos quatro anos, a criança atinge metade de sua inteligência; aos oito, ela atingiu mais trinta por cento, ou seja, oitenta por cento de sua inteligência total.

William Johnz, diretor da Escola Elementar para Excepcionais de Berkeley, Califórnia, tem sido citado por sua declaração: "A melhor idade na vida de uma pessoa para explorar as ciência abstratas e a matemática, é cerca dos oito aos onze anos."

Em 1938, houve apelação numa ação judicial à Suprema Corte de Mi-



Sete Sinais de Alerta de um Casamento Enfermo

chigan, acêrca de um caso que envolvia a questão da responsabilidade infantil em tôrno dos sete anos e a capacidade normal de crianças dessa idade de reagirem perante o perigo e de compreenderem o grau de cuidado, discernimento e critério necessários, para evitar ferimentos em tráfego automobilístico. Em seu arrazoado, o juiz referiu-se às conclusões de muitos cientistas e outros observadores no campo do cuidado, educação e psicologia infantil, e depois declarou:

"O que existe quanto a fatos reais, ciência ou pesquisa, para justificar um tratamento diferente entre as crianças abaixo de sete anos e as que já ultrapassaram essa idade? Não é possível deixar de sentir-se impressionado com o fato de que essas conclusões no tocante ao "status" especial da criança dessa idade, cristalizadas há centenas de anos, têm sido confirmadas pelos atuais observadores e cientistas no campo especializado do cuidado, educação e psicologia infantil... O

mais notável nas conclusões a que chegaram tais pesquisas é o fato de que a idade dos sete anos traça uma linha de transição no desenvolvimento mental da criança. Na copiosa e rica literatura devotada ao assunto, surge repetidamente a ênfase dada a essa idade como ponto inicial do pensamento e da razão, o começo do intercâmbio de idéias, o princípio de conceitos de justiça. As autoridades no assunto afirmam que essa idade assinala a passagem do período da fala e pensamento auto-centralizados, para o de entendimento verbal, pensamento e cooperação sociais. Em suma, a idade de sete anos pode ser considerada como o limiar sobre o qual o ser humano passa, da esfera da imaginação e sonho, para o mundo da realidade e fatos."

Nos tribunais federais e estaduais dos Estados Unidos da América, as opiniões e decisões judiciais de muitos magistrados quanto às características de maturidade da criança de sete e oito anos, são substancialmente idênticas às conclusões chegadas

pelos cientistas e psicólogos infantis. Essas côrtes têm sido compelidas a entrar no mérito da questão e examinar o problema, a fim de determinarem se a criança envolvida tem suficiente juízo e discernimento, para ser considerada responsável e capaz de conduta negligente.

A preocupação dos tribunais seria simplesmente: em que idade, ou em que ponto do desenvolvimento e crescimento da criança, pode-se afirmar que tenha atingido capacidade suficiente para ser considerada responsável por seu atos? Quando tem ela suficiente juízo e experiência, para distinguir o certo do errado? O que é conduta negligente, em se tratando de responsabilidade legal por tal conduta, e é preciso que haja prejuízo alheio ou contribuir para o seu próprio?

Um adulto é negligente, ou negligente co-responsável, quando deixa de respeitar a lei ou de reagir como uma "pessoa razoável e prudente" o faria em idênticas circunstâncias.



Mas os tribunais não encontraram uma regra precisa que estabeleça tal padrão de cuidados para crianças pequenas, mostrando-se relutantes em adotar uma norma objetiva desse tipo para elas. O problema de discernimento, experiência, entendimento e distinção entre conduta certa e errada é por demais variável nos primeiros anos de vida e, por isso, os tribunais consideram que nenhum corpo de jurados adultos poderá julgar o que a mente de crianças "razoáveis e prudentes" fariam em determinadas circunstâncias. Como resultado, foram estabelecidas duas leis aceitáveis. A chamada lei de Illinois estabelece arbitrariamente que qualquer criança até a idade de sete anos deve ser encarada como totalmente incapaz, sendo esta seguida pela maioria dos demais estados. A segunda, conhecida como lei de Massachusetts, reza que existe uma contestável conjetura de incapacidade até a idade de sete anos. Conseqüentemente, parece lícito concluir que, sob as duas leis, os tribunais reconhecem certa inferência de incapacidade até a idade de sete anos inclusive. A única diferença é que a maioria dos estados considera a inferência conclusiva, e a minoria, refutável. Podemos concluir também que todos os estados consideram as idade de sete a oito anos como a linha divisória entre a primeira infância, admitidamente incapaz de julgar e discernir, e os acima de oito anos tidos como capazes disso, sendo, portanto, responsáveis por sua conduta e podendo ser julgados pelos fatos como os adultos.

Não é minha intenção defender ou justificar nenhuma das duas leis referentes à conduta infantil negligente. Contudo, é bom salientar o ponto de que, tanto numa como na outra, a idade em torno dos sete a oito

anos é considerada a "linha de transição no desenvolvimento mental" da criança. Esta "idade crucial de responsabilidade" descobriu-se ser a mesma nos campos da psicologia, lei criminal, tradições e educação infantil. Todos os tribunais reconhecem que, durante os primeiros anos da infância, até cinco a seis inclusive, a criança não possui suficiente discernimento para ser acusada de negligência ou cumplicidade neste ponto, sendo considerada incapaz. Certa cômte se expressou da seguinte maneira:

"Seguimos a norma adotada por numerosas autoridades merecedoras do maior respeito, de que a criança abaixo dos sete anos é incapaz de negligência co-responsável".

A discussão de qualquer tópico legal seria dificilmente completa sem citar-se famosa autoridade inglesa nesse campo, Sir William Blackstone, que redigiu os conhecidos comentários sobre o assunto, por volta de 1765-1769, nos quais afirma o seguinte: "Na verdade, abaixo dos sete anos de idade, a criança não pode ser culpada de delito grave, pois, até então, o discernimento criminoso é quase uma impossibilidade; porém, aos oito anos, ela pode ser culpada de delito grave..." Isto, naturalmente, refere-se à responsabilidade criminal, mas ainda assim reflete a opinião antiga quanto à capacidade e idade de responsabilidade infantil.

O referido autor recorda o caso do menino de oito anos que incendiou dois celeiros e foi condenado à fôrca sob as leis do século dezesete; mas, mesmo então, a despeito da jurisprudência impiedosa da época, os sete anos eram uma idade de inocência.

Quanto à criança de oito anos ou mais, novamente encontramos as inevitáveis variações humanas, mas é interessante notar a considerável consistência na maioria dos casos. A despeito dessas variações resultantes das diferenças de opiniões humanas, a consistência da maior parte das decisões judiciais em se tratando da responsabilidade da conduta infantil, justifica as seguintes conclusões gerais: (a) abaixo dos sete anos, a criança é considerada incapaz de julgamento e discernimento, não sendo responsável por atos negligentes; (b) aos sete anos, a maioria dos tribunais ainda a considera incapaz e irresponsável, conquanto muitas cômtes considerem essa regra refutável, exigindo seja provada, em cada caso, a capacidade, julgamento, educação, antecedentes e discernimento individual da criança, deixando que o tribunal ou o júri tome uma decisão; (c) após completar oito anos, a criança atingiu a idade de responsabilidade, possui suficiente julgamento, capacidade e discernimento para distinguir o certo do errado, sendo, então, aceita e tratada como adulta.

Aparentemente, ao longo dos séculos, estudiosos, psicólogos infantis e juizes criminais chegaram todos à mesma conclusão de que, aos oito anos, o desenvolvimento da criança normal atingiu um estado em que pode ser considerada suficientemente madura, para ser responsabilizada por seus atos. Tudo o que foi dito acima, serve apenas para corroborar o que os santos dos últimos dias consideram a melhor evidência do mundo quanto à idade em que a criança deve ser batizada — a diretriz pessoal de Deus dada a Joseph Smith de que as crianças devem ser batizadas aos oito anos de idade. Tôdas as demais provas são secundárias.

Sete Sinais de Alerta de um Casamento Enfêrmo

Lindsay R. Curtis

Durante os numerosos anos em que ocupei a função de conselheiro, tanto na qualidade de médico como na de bispo, notei certos sinais de alerta de casamentos enfêrmos, acenando repetidamente suas bandeiras de cautela como as intermitentes luzes amarelas numa rodovia. Os bastante sensatos para observar êsses sinais de alerta retardam sua marcha pelo caminho que percorrem ou, então, escolhem outro mais seguro que os afaste da tragédia das desavenças e do divórcio.

É importante notar o fato de que nenhum dêsses sinais de perigo é irreversível. Mas, se não forem observados, permitindo-se que continuem ignorados, e sem correção, tais sinais podem tornar-se letais a um casamento. Veja se algum dêles se aplica ao **seu** casamento.

Abandono da Cortesia Usual

O Élder Thomas E. McKay, ex-assistente do Conselho dos Doze (1875-1958), foi meu presidente de missão na Suíça há muito tempo. Anos mais tarde, êle e sua encanta-

dora espôsa visitaram-me em meu consultório. Naquele tempo, o Presidente Thomas E., como era comumente chamado, estava fraquejando fisicamente, mas seu espírito continuava tão forte como sempre fôra. Conseguia andar sômente com grande dificuldade, sendo-lhe necessário apoiar-se de um lado numa bengala e do outro na espôsa.

Fiquei observando enquanto êle descia lentamente os degraus externos da nossa clínica, para chegar ao carro estacionado bem em frente ao edifício. Sômente com relutância, aceitava êle o auxílio da Irmã McKay, recusando qualquer assistência da nossa parte.

Estando já então impossibilitado de guiar devido à enfermidade, esperei que a espôsa o conduzisse ao lugar ao lado do motorista. Mas o cavalheirismo típico da família McKay não poderia ser sacrificado nem mesmo à enfermidade. Diante da sua insistência, os dois deram a volta até o lado do motorista, onde êle, gentilmente, abriu a porta para a espôsa, fechando-a depois de vê-la acomodada.

Então, e só então, Thomas E. McKay, trôpego e com grande esforço, apoiando-se na bengala e no carro, arrastou-se para o lado oposto e acomodou-se vagarosamente ao lado dela.

Coisas tão simples: abrir a porta do carro, ajudar uma senhora a vestir o casaco, permitir que passe à frente, poupar-lhe alguns passos, permitir-lhe sentar-se primeiro e ajudá-la — tudo bagatelas. Ou será que não? Não será que falamos mais alto do que palavras do amor e consideração, de uma ternura que poucos de nós conseguem expressar?

Muito obrigado! Por favor! Desculpe. Permita-me. Amo-a! Como são importantes essas poucas palavras, quando ditas no momento oportuno!

Na entrada de uma estrada rural que conduz a um vilarejo, existe uma placa com os seguintes dizeres: "Escolha os sulcos com cuidado. Êles o acompanharão pelos próximos 14 km." Escolha seus hábitos com sabedoria — êles poderão acompanhá-lo pelo resto da vida! (A expressão "ruts" — sulcos — usada na placa em sentido figurado significa também rotina, hábitos. N. do T.)

Ôbviamente, um dos hábitos (se é que podemos chamá-lo assim) nos



O Dr. Lindsay R. Curtis, bispo da 2.ª Ala Escola Superior Estadual Weber, em Ogden, Utah, é médico ginecologista e colunista sindicalizado da imprensa, para a qual escreve sôbre assuntos médicos.

quais a família McKay iniciou seus filhos foi o da cortesia e cavalheirismo, e eles o conservaram por toda a vida.

Pensar em Termos de "EU" em Lugar de "NÓS"

Era por volta de seis horas da tarde, quando João abriu a porta da frente, bem a tempo de presenciar pequena rusga entre os dois meninos ofegantes. Laura estava ocupada, preparando o jantar que calculara aprontar a tempo, antes da chegada do marido de um árduo dia de trabalho no escritório.

A situação não melhorou, quando o pequeno Beto, de quatro anos, derramou o leite pela mesa toda, ou quando Ricardo não quis comer o que pusera no prato. Mas, finalmente, o jantar terminou.



O "EU" de João lembrou-lhe que a televisão transmitiria uma partida de basquete logo após o jantar, além do que havia sido convidado para participar de um jogo de futebol.

O "NÓS" em seu íntimo apoquentava-o, insinuando que as crianças precisavam ser banhadas e postas a dormir, chamando-lhe a atenção para o fato de que talvez Laura houvesse tido um dia mais duro ainda. Provavelmente, estava mais cansada do que ele e apreciaria u'a "mãozinha" na limpeza da cozinha e banho das crianças.

Lá no fundo da mente, João vislumbra também a expressão de gratidão na face da esposa, se sugerisse saírem um pouco aquela noite para espairer.

Dê à sua esposa a oportunidade de dizer-lhe: "Muito obrigada, mas hoje não me sinto disposta. Por que você, por essa vez, não sai com seus amigos?"

Pequenos sacrifícios mútuos ao longo da jornada não prejudicam um casamento, especialmente se forem voluntários e inesperados — bem pelo contrário. Nos primeiros tempos de casados, quando meus pais dispunham de uma renda ínfima e lutavam para poderem pagar o dízi-mo, aluguel, alimentação e ainda poupar um pouco em vista do nôvo membro da família que estava para chegar, sentiam-se ricos, porque tinham um ao outro.

Minha mãe contava que, muitas vezes, meu pai voltava do trabalho para casa a pé (uns 6 a 8 km), a fim de economizar o dinheiro da condução para levar-lhe uma laranja. O seu sacrifício era mais do que compensado pela alegria e aprêço que ela demonstrava por aquêlo pequeno presente.

O Silêncio Obstinado

Judite, atraente mōça de 29 anos, mãe de três filhos, queixava-se de que seu marido não tinha nada a contar-lhe, quando voltava à noite do trabalho.

Judite, diga-me, qual o tipo de trabalho de seu marido?

— Ele trabalha num escritório, penso que no setor de compras ou algo parecido.

— Qual é a sua função específica? É cargo de muita responsabilidade? Ele está satisfeito com as oportunidades oferecidas pelo emprêgo? Você tem orgulho dêle e do que ele faz?

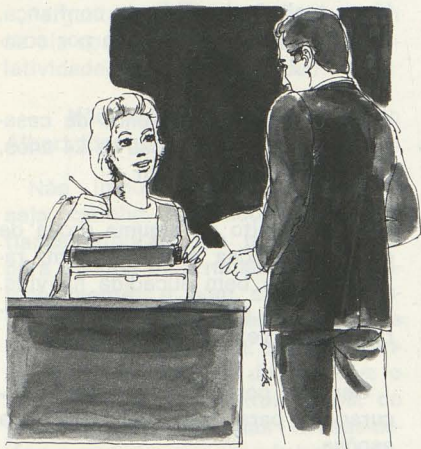
— Bem... na verdade, não sei tanto assim acêrca do trabalho dêle.

— Ouça, Judite, você alguma vez já lhe perguntou? Você realmente se importa com o que ele faz? Mostrou interesse quando ele tentou contar-lhe ou estava por demais absorvida com os problemas das crianças ou com seus próprios interesses?

Seguiu-se uma pausa longa, pensativa, antes de Judite admitir que seu desinteresse poderia ser o motivo do mutismo dele. O melhor ponto de partida para uma boa conversa é um sincero interesse. As pessoas não estão interessadas em falar, enquanto não encontram ouvintes interessados.

Inicie a conversa com uma pergunta breve e sincera; depois, esteja preparada para escutar com atenção. Poderá ser surpreendente o quanto seu marido (ou esposa) tem a dizer-lhe, contanto que esteja realmente interessada em escutar.

E os maridos que reclamam que não têm meios para satisfazer as exigências das esposas, obviamente



dão pouco valor à conversa. Conversar é barato, mas também pode ter mais valor do que qualquer coisa que se possa comprar para uma esposa que se sinta negligenciada. O silêncio talvez seja precioso em certas situações, mas também conduz a muitas desavenças quando há carência de comunicação. Há ocasiões em

que **nada**, além de palavras, poderá evitar o fracasso.

A Falta de Elogios

Célia é uma mulher meticulosa, eficiente e elegante. Quando os filhos foram para a universidade, aceitou um emprêgo de secretária.

Qual será o problema de Célia?

— Sinto-me atraída por um colega de trabalho.

— Como você veio a conhecê-lo? — perguntei.

— Ele costuma passar por minha mesa todos os dias e tece algum comentário acêrca do meu trabalho, meu penteado, minha roupa. Ele tem um jeito todo especial de fazer com que me sinta "alguém". A imagem que faço de mim mesma melhorou cem por cento desde que o conheço.

O diálogo subsequente revelou que Célia tem sido feliz com o marido.

— Amo meu marido, mas ele nunca me faz um elogio. Não procura animar-me. Ocasionalmente me censura.

— Quanto à censura, é merecida? — perguntei.

— Bem, sim, no mais das vezes. Mas o caso é que ele quase nunca diz alguma coisa, quando faço a coisa certa. Não toma conhecimento de como me penteio, da minha aparência, ou se estou usando um novo perfume. Suponho que eu seja uma pessoa que **precisa** que lhe digam essas coisas.

Posteriormente, tive oportunidade de conversar com o marido de Célia, pois Jorge estava preocupado com o interesse dela por seu colega e admirador.

— Célia sabe que a aprecio e a tudo quanto faz. Afinal, dou-lhe tudo o de que ela precisa. Em nossa casa não falta nada. Ela tem seu próprio carro. O que mais poderia desejar uma mulher? — disse Jorge.

— Célia deseja exatamente aquilo que seu suposto admirador lhe oferece e que você tem ignorado. Talvez você realmente presta atenção

nela, mas no que concerne a ela, você nem sequer nota que ela existe. Por quê? Porque você não **lhe diz**. A mulher simplesmente acha que os elogios que você lhe fazia antes de casar, não são suficientes para du-



rarem a vida inteira, sem que sejam reforçados e repetidos frequentemente.

Jorge agora encetou uma campanha para elevar sua esposa até as nuvens. O que diz **não** é lisonja — apenas a verdade — mas, antes, ele parecia não dar valor.

O moral de Célia está subindo e o mesmo acontece com a cotação do marido aos olhos dela. Há novamente esperança para este matrimônio.

Demasiado número de casamentos fracassam pelo descuido. Simplesmente porque ninguém observa certas regras. De cada marido e esposa, requer-se que elogiem um ao outro não sete vezes, mas setenta vezes sete — todos os meses!

Falta de Orações em Conjunto

Se olhares tivessem gume, Neli e Luiz estariam cobertos de sangue.

— Tudo está acabado, — disse Neli, — mas Luiz insistiu que viéssemos vê-lo de qualquer forma. Na verdade, não adianta nada tentar consertar a situação.

— Seja como fôr, vejo ainda mentalmente um quadro que não combi-

na de forma alguma com essa separação, — comentei. — Se não me engano, lembra-me uma noiva decididamente vibrante, tão divinamente apaixonada, que "êle" ocupava todo o seu horizonte. Lembra-me também um jovem que não conseguia tirar os olhos da encantadora noiva, enquanto pronunciava o "sim". Vocês não pretendem negar que eram felizes naquela época, pois não?

— Éramos, sim — disse Neli — mas agora isso tudo acabou. Nós nem mesmo falamos um ao outro com civilidade.

— Muito bem, — prossegui — então, naquele tempo, vocês eram felizes. Acontece que também sei que, quando vocês voltaram da cerimônia no templo, encaravam todo o seu futuro com muita espiritualidade. Devo também supor que levaram adiante os conselhos recebidos e oravam juntos?

— Sim, fazíamos, sim — disse Neli, — mas isto foi há tanto tempo...

— Suponho que vocês oravam em conjunto freqüentemente, com os braços enlaçando um ao outro, e pediam ajuda do Senhor quando tinham problemas, não é?

Chegara a vez de Luiz responder.

— Sim, doutor, fizemos exatamente assim e com freqüência. E penso saber aonde o senhor quer chegar. Irá perguntar-nos "Por que não pediram que o Senhor os auxiliasse a solucionarem seus problemas, evitando, assim, acabar na situação em que se encontram?" Estou certo?

— De certa forma. Mas o que quero saber é quando e por que deixaram de orar juntos.

— É uma longa história e devo admitir que deixamos de orar juntos antes de entrarmos em desavenças sérias. Como portador do Sacerdócio da família, devo reconhecer que fui negligente, que fracassei numa porção de coisas.

— Dêem-me uma resposta honesta, os dois. Se pudessem voltar a gozar a felicidade, o amor, a confiança, a união dos primeiros anos de casados, vocês topariam a parada?



Neli animou-se. — Esta é uma pergunta capciosa, doutor, com uma porção de "ses", mas, obviamente, a resposta seria sim, contudo, temo ser muito tarde, especialmente depois de tudo o que nos dissemos mutuamente.

— Neli e Luiz, vocês nunca fizeram alguma coisa em tôda a sua vida que desejariam não ter feito? Nem precisam responder, pois todos nós já o fizemos. Digam-me, gostariam de que o Senhor apagasse tudo o que há em suas "fichas", e "delas não mais se lembrasse"?

— O senhor sabe que sim, doutor — disse Luiz.

— Bem, se é isso que vocês desejam e esperam que o Senhor seja misericordioso acêrca dessas coisas que talvez tenham feito, seria pedir muito que perdoassem e esquecessem as coisas que fizeram um ao outro? Seria demais pedir a vocês que se ajoelhassem comigo para, em oração, pedirmos ao Senhor que perdoe nossas faltas e nos dê a capacidade de perdoarmos um ao outro?

— E já que estamos orando, por que não pedir a êle que lhes dê mais uma oportunidade de honrar os convênios e votos matrimoniais, prometendo que, se o atender, vocês o buscarão sempre juntos em oração?

— E mais uma coisa — lembrem-se sempre de que o Senhor é o melhor "sócio" que vocês poderão ter em seu casamento. Êle não se manifesta até ser procurado, no entanto está sempre pronto e disposto a ajudar. Permitam que êle seja um "sócio ativo" em seu casamento.

Deixar de Perceber e Preencher as Necessidades (Não as Exigências) Mútuas

Lágrimas enormes banhavam seu bonito rosto.

— Não me importa que não possamos ter uma casa melhor, ou mesmo certas coisas que todo mundo considera como normal, nunca reclamei daquilo que não temos e estou disposta a trabalhar da manhã até a noite para agradar meu marido. Mas há uma coisa de que não posso prescindir — amor próprio. Talvez fôsse melhor chamá-lo de confiança, mas seja como fôr, perdi-o por completo.

Após somente três anos de casada, Rute, a jovem espôsa de 24 anos, estava pronta a desistir.

— Necessito de **alguma** prova de que sou espôsa e mãe, enfim, razoavelmente bem sucedida na vida. Gostaria de que Décio me assegurasse isso vez por outra.

Geraldo, por outro lado, veio procurar-me para falar de Vera, sua espôsa.

— Doutor, — disse êle — afinal, não sou nenhum bicho papão e, certamente, não espero que minha espôsa pense somente em mim, mas venho de uma família carinhosa e o carinho é parte do laço que mantém o casal unido. Mas Vera simplesmente me empurra para longe dela. Eu a quero acima de tudo neste mundo, mas, que posso fazer?

Bernardo, 32 anos, diz o seguinte:

— Sempre costumava caçar com meu pai e irmãos. Geralmente é questão de uns poucos dias apenas, mas serve para conservar os laços afetivos com a família. Procuo passar o resto do tempo com minha mulher e filhos, mas ela arma tanto bafurho por causa dessa caçada, que, mesmo que eu vá, para mim já tudo está estragado.

Teresa, atraente loura de 27 anos, pergunta:

— Doutor, será demais para uma mulher querer ir ao cabeleireiro uma vez por semana? Afinal, não estamos endividados, somente amortizando a casa. Procuo economizar de tôdas as maneiras. Dario tem seu barco, armas de caça e equipamento de pesca. Aprecio arrumar o cabelo semanalmente. Estarei exigindo demais? Ele insiste que deixe de fazê-lo. Isto está quase ameaçando nosso casamento.

Parece incrível, não é? No entanto, uma coisa tão trivial como essa assume proporções exageradas, quando outros pequenos ressentimentos se apegam a ela como os crustáceos ao navio em dificuldades.

Perguntaram à espôsa de Einstein se ela compreendia sua teoria da relatividade, ao que respondeu:

— Não, mas penso que entendo Albert Einstein.

Não importa que a necessidade seja carinho, reconhecimento, confiança, atenção, um prato especial para o jantar ou arrumar o cabelo semanalmente; o bom cônjuge reconhece tais necessidades especiais e procura preenchê-las. É absolutamente certo que nem só de pão vive o homem, mas, em muitos casos, do preenchimento de suas necessidades especiais por um cônjuge atento e compreensivo.

Incapacidade de Demonstrar Amor

O juiz perguntou a certo homem cuja espôsa requerera divórcio, por que êle nunca dissera à espôsa que a amava. Êste respondeu:

— Mas eu **disse!**

— Quando? — indagou o juiz.

— Ora, quando nos casamos.

Provavelmente, nunca mais após essa data. Quase poderá tornar-se monótono e desgastado, menos a frase "Eu te amo." As mulheres (e homens também) adoram que lho repitam constantemente. Apreciam que isto lhes seja assegurado e reasegurado repetidamente.



O tipo forte, calado, neste caso perderá sempre para o menos atlético, bonitão, mas falante, se não repetir essas três palavras com frequência.

— Sei que me ama, mas, por que não o diz? — E, acrescentaríamos nós, repita-o sempre e sempre.

O melhor investimento que um homem pode fazer é empregar um níquel, para telefonar à espôsa durante o dia, apenas para lhe dizer que a ama. Experimentem e vejam o que acontece. Observem como reagem quando a fazem saber que estiveram pensando nela e que prefeririam sua companhia a outra qualquer.

Nós, homens, deveríamos unir-nos para instituir a condecoração de "Rainha" para nossas espôsas. Vejam se na opinião de vocês êste título cabe às suas espôsas.

"Rainha" por ser:

A melhor atriz — parecendo contente, quando deveria mostrar-se desapontada. Tudo o que recebeu no dia dos Namorados foi um beijo em lugar de um presentinho, simplesmente porque esqueci a data.

A melhor escritora — mandando cartas aos filhos que estão fora de casa, seja estudando, em missão e prestando serviço militar.

A melhor diretora — orientando com sucesso o tráfego no local mais movimentado do mundo — nosso lar.

A melhor produtora — conseguindo os melhores resultados quanto à educação dos filhos, com o auxílio muito aquém do desejável do pai atarefado, e com o menor estardalhaço possível.

A melhor modista — criando e confeccionando trajes especiais para festinhas, formaturas ou bailes a rigor, e um vestido especial para o bota-fora do filho que sai em missão.

A melhor atriz coadjuvante — apoiando-me de todo o coração, e sem reclamar, nos meus encargos da Igreja e profissionais.

Um dos maiores conceitos errôneos de nossos dias é que o homem e a mulher se casam e depois vivem felizes para sempre. É certo que sentem mútua atração pelo que é o início de amor. Então, casam-se e começam a construir, juntos, uma vida de amor. Mas o amor verdadeiro, duradouro, expressivo não acontece pôr acaso, gratuitamente.

Amor é algo construído sôbre um sólido alicerce de convênios e votos feitos na cerimônia do casamento. Mas depois, deve-se prosseguir o levantamento da estrutura, pedra por pedra, com cada ato de amor, ternura, abnegação e consideração durante tôda a vida em comum. Reconhecamos os sinais e sintomas de um casamento enfêrmo, a tempo de curá-lo e restabelecê-lo totalmente.

Finalmente, vocês, homens (e o mesmo se aplica às mulheres), se desejam que sua espôsa os trata como reis, procurem tratá-la como rainha!

O Verdadeiro Conhecimento da Trindade

Richard O. Cowan

Uma correta concepção do caráter e atributos de Deus é fundamental para a verdadeira religião. O Senhor ordenou à antiga Israel: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxodo 20:3) E Cristo associou o conhecimento de Deus com o sublime dom da vida eterna: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3) Nestes últimos dias, o Profeta Joseph Smith ensinou que a primeira regra da nossa fé é crer no Ente Supremo e o primeiro princípio do Evangelho, a "fé no Senhor Jesus Cristo."

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias declara solenemente que a verdade acêrca de Deus foi ensinada em tôda a sua simplicidade, beleza e poder nos tempos do Nôvo Testamento. Quando a autoridade e revelação divinas deixaram de existir na igreja, e as trevas da apostasia cobriram a terra, esta verdade foi perdida. Sômente quando o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith, em 1820, dando início à dispensação da plenitude dos tempos, êsse conhecimento foi novamente restaurado aos homens.

O Nôvo Testamento ensina claramente que os três membros da Trindade são pessoas distintas. Por exemplo, quando Jesus foi batizado —

... o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre êle em forma corpórea... e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és meu filho amado, em ti me tenho comprazido. (Lucas 3:21-22; veja também Mateus 3:13-17; Marcos 1:10-11)

Joseph Smith disse:

O símbolo da pomba foi instituído antes da criação do mundo como testemunho do Espírito Santo, e o demônio não pode aparecer sob o símbolo de uma pomba.

O Espírito Santo é um personagem e tem a forma de um personagem... O Espírito Santo não pode ser transformado em pomba; mas o sinal da pomba foi dado a João para testificar a validade do ato... (Teachings of the Prophet Joseph Smith, p. 276)

Hoje, os batismos são realizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. As instruções dadas pelo Senhor a Joseph Smith em 1843 acêrca da Trindade, foram:

O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também; mas o Espírito Santo não possui um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de Espírito. Se assim não fôra, o Espírito Santo não poderia habitar em nós. (D&C 130:22)

"E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou." (Gênesis 1:27 veja também Hebreus 1:13.) Cristo e todos os homens são criados à imagem de Deus. Após sua ressurreição, Cristo pediu aos apóstolos que tocassem seu corpo de carne e ossos, e assim provou-lhes que não era mero espírito:

... Jesus se apresentou no meio dêles e disse-lhes: Paz seja convosco. E êles... pensavam que viam algum espírito. E êle lhes disse: Por que estais perturbados...? Vêde as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo: apalpai-me e vêde; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vêdes que eu tenho. (Lucas 24:36-39).

Há diversas testemunhas da glória de Jesus no Nôvo Testamento. Pedro, Tiago e João, por ocasião da transfiguração de Cristo; Paulo, no dia da sua conversão na estrada de Damasco e João, no início do Apocalipse — todos êles falam da glória de Cristo em termos de uma grande luz resplandecente.

Nosso Salvador, agindo sob a direção do Pai, é o único mediador entre Deus e o homem. Escrevendo a Timóteo, Paulo disse: "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem." (I Tim. 2:5) Por isso, o Senhor instruiu seus seguidores a orarem diretamente ao Pai, em nome de Jesus Cristo.

Quando a igreja primitiva deixou de ser guiada por revelação, essas verdades básicas se perderam. Os pensadores cristãos, influenciados pela filosofia pagã, tentaram explicar como os cristãos poderiam ser monoteístas, adorando a um só Deus, reconhecendo simultaneamente haver três membros na Trindade, surgindo, assim, diversas correntes de opinião:

O **adocinonismo** pregava ser Cristo um simples homem mortal que atingira tal perfeição de santidade, que foi adotado como Filho de Deus e elevado à divindade.

Os **Modalistas** consideravam Deus como sendo um ente único, assumindo sucessivamente como um ator, os papéis de Pai, Filho e Espírito Santo.

O **Concílio de Nicéia**, convocado pelo imperador Constantino, em 325 A.D., lançou os fundamentos para a tradicional doutrina cristã sobre Deus. O credo de Nicéia estabelece em parte:

Cremos em um só Deus, o Pai... e em um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho de Deus, concebido do Pai... da substância do Pai...

O credo atanasiano, mais tarde, esposou uma doutrina semelhante:

Adoramos um Deus em Trindade, e a Trindade em Unidade, não confundindo as pessoas, nem dividindo a substância. Pois há uma pessoa do Pai, outra do Filho, e outra do Espírito Santo. Mas a Divindade do Pai, Filho e Espírito Santo é uma só...

Após certa confusão quanto às partes humana e divina em Cristo, o Concílio de Calcedônia, em 451 A.D., decidiu-se em favor de duas naturezas antes do nascimento, e uma única personalidade depois dele. Gradualmente, o conceito de um Deus pessoal se foi perdendo, tornando-se ele antes a "Causa Primeira" ou poder que ocupa todo o universo. O credo dos anglicanos reflete esse conceito, declarando: "Existe um único verdadeiro Deus vivente, eterno, sem corpo, partes ou paixões..."

Nova mudança doutrinária sobreveio, quando os homens começaram a dar ênfase à justiça de Deus e depois, a temê-lo como juiz. Isto, combinado à perda de um claro entendimento da personalidade de Deus, levou

o povo a ignorá-lo como Pai amoroso; e assim, começaram a recorrer aos "santos", para preencherem a brecha e agirem como intermediários entre Deus e o homem.

Embora alguns "reformadores" tentassem reviver o interesse no amor de Deus, ainda que sem revelação, não conseguiram restabelecer a completa e verdadeira compreensão da pessoa divina.

Éstes são os antecedentes da confusão religiosa que levou Joseph Smith a consultar primeiro a Bíblia e, depois, a orar em busca de uma resposta para suas dúvidas: "Qual é a igreja verdadeira? A qual delas devo filiar-me?" Mal sabia ele, ao entrar no bosque para "perguntar a Deus", que sua simples oração de fé conduziria ao início de uma nova dispensação do Evangelho e à restauração do verdadeiro conhecimento da Divindade. Sua "Primeira Visão" é um fato histórico sobre o qual disse o seguinte:

...vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia até cair sobre mim... Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: **ÉSTE É O MEU FILHO AMADO. OUVÉ-O!** (Joseph Smith 2:16, 17)

Diversas verdades foram reveladas ao jovem Joseph Smith por esta única experiência:

1. Os membros da Trindade são três pessoas distintas.

2. O Pai e o Filho têm corpos reais a cuja imagem foi criado o homem.

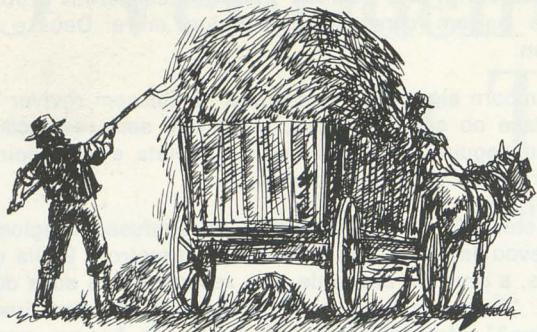
3. Sua glória e esplendor são indescritíveis, mas foi permitido a Joseph que os visse e testificasse o que viu, pois o Espírito Santo, o terceiro membro da Trindade, "(cujo poder também se manifestou naquele momento sagrado) prestara testemunho à sua alma... de que o Pai e o Filho eram dois Personagens glorificados na imagem expressa um do outro."

Pelo seu Santo Espírito, sim, pelo inexprimível dom do Espírito Santo, Deus vos dará conhecimento que não foi revelado desde a fundação do mundo até agora. (D&C 121: 26)

4. O Filho opera sob a direção do Pai.

5. As pessoas podem orar a Deus sem quaisquer intercessores e receber respostas.

CUMPRIR AS PROMESSAS



David Lawrence McKay

Num quente dia de verão, o menino David O. McKay ajudava seu pai, David McKay, a recolher o feno do campo. Ele conduzia a carroça de juntar feno puxada por uma parelha de cavalos, por entre as medas, enquanto seu pai se encarregava de lançá-las para cima do carro. Começando pelo limite inferior do campo, eles vinham subindo, recolhendo sistematicamente meda por meda. Naquele tempo o dízimo era geralmente pago em espécie e não em dinheiro; assim, após terem recolhido nove carroças cheias, o menino David sabia que a seguinte seria destinada ao dízimo. A parte baixa do campo na qual estavam trabalhando era um pouco pantanosa, produzindo qualidade inferior ao do excelente feno da parte alta.

— Leve a carroça para a parte alta, a fim de recolhermos a carga do dízimo, — disse o pai a David. — Lá o feno é superior.

David, protestando, alegou que estavam trabalhando na parte baixa, portanto, a carga destinada ao dízimo deveria obedecer à ordem e ser igual às demais.

— Não, — respondeu o pai — destine o melhor para a parcela do Senhor.

E assim, carregaram a décima carroça com o melhor feno do campo.

Esse incidente é mais do que um exemplo de como se deve pagar o dízimo. Mostra que bem cedo na vida, o pai de David O. McKay ensinou-lhe categoricamente a andar a segunda milha no cumprimento de uma obrigação. Ambos, pai e filho, entendiam que o dízimo não é um presente, mas o pagamento devido — algo já prometido a Deus. Naquele dia, David aprendeu que esta promessa deveria ser cumprida alegremente e sem reservas. Devia ser mais do que um cumprimento literal.

A importância de cumprir as obrigações a todo custo foi um dos princípios diretores do Presidente McKay durante toda a sua vida. A devoção ao dever era tema freqüente de seus sermões. O dever, aos seus olhos, era uma forma de cumprir as promessas feitas ao Pai Celestial e a si próprio. Se achasse que tinha o dever de agir, descurava do cansaço e punha de lado qualquer prazer ou outra atração que interferisse no cumprimento do que considerava ser sua obrigação. Mostrava impaciência com aqueles que ignoravam o espírito do contrato, insistindo nas palavras de documentos mal redigidos.

Um encontro marcado com ele era uma promessa a ser cumprida e esperava que os outros sentissem o mesmo. Acompanhei-o constantemente por diversas semanas durante uma de suas visitas às missões na Europa. Não me levou tempo para aprender que, ao dizer 8h30m, significava exatamente isto e não 8h31m.

O Presidente McKay era categórico quanto ao cumprimento de promessas feitas a crianças, por mais insignificantes que pudessem ser aos olhos dos adultos. Certa vez, combinou com um professor de uma Escola Dominical de cumprimentar seus alunos no seu escritório, em determinado dia e hora. Adoeceu inesperadamente e encontrava-se no hospital no dia marcado, desapontando as crianças. No primeiro domingo após seu restabelecimento, deixou um assombrado superintendente de Escola Dominical de queixo caído, ao vê-lo chegar para manter a promessa.

Em Londres, uma garotinha conseguiu insinuar-se pela multidão, para solicitar um autógrafo. Ele aquiesceu, mas a menina foi empurrada para longe dele pelos adultos que queriam apertar sua mão. O Presidente McKay fez questão de que ela fôsse encontrada. Essa busca exigiu horas, mas, afinal, foi bem sucedida. O Presidente cumpriu o prometido.

Certo dia, recebemos o Presidente McKay para um jantar em nossa casa. Um dos meus irmãos, Llewelyn, também fôra convidado. Este descobriu que ia chegar atrasado a um encontro marcado com certa irmã imigrante, porém sabia que ela esperaria por ele. Achava que o jantar com o pai era mais importante. Quando o Presidente McKay soube disso, a refeição de Llewelyn foi súbitamente interrompida.

— Você prometeu-lhe, não foi? Então, o que está fazendo aqui?

Llewelyn argumentou que aquela irmã compreendia seu atraso. Além disso, ela estava em casa e isso não lhe causaria nenhum transtorno.

— Isto não é desculpa. Você fez-lhe uma promessa. Então, cumpra sua palavra. Naquele dia, Llewelyn perdeu uma bela sobremesa.



CERTO

Rosalind
R. Draper

Era uma vez uma garotinha — não uma menina grande, nem um bêbe, mas uma garotinha adorável.

Um dia, sua mãe lhe disse: — Acabe logo seu lanche, filhinha, e depois vista seu vestido predileto. Hoje vamos visitar o jardim zoológico.

Ceci enfiou o vestidinho amarelo de bolas brancas. Depois, a mãozinha agarrada à mão da mãe, andaram pela calçada até o ponto do ônibus. Esperaram sentadas num pequeno banco amarelo, até que chegou o grande ônibus, também amarelo, e parou para que pudessem embarcar.

No jardim zoológico, Ceci dizia rindo:

— Olhe só a girafa! Como tem pescoço comprido! E por cima tão fino!

— Ela precisa de um pescoço fino e comprido para poder alcançar as folhas das árvores, — respondeu a mãe de Ceci.

Ceci deu uma risadinha abafada, quando viu o hipopótamo parado dentro de um tanque d'água.

— Oh, veja o pescoço dêle! Não é nem comprido, nem fino. Ele tem um pescoço curto e gro-o-osso! E um rabinho também curtinho!

— É verdade, — concordou a mãe — ele precisa de um pescoço curto e grosso para carregar a cabeça grande que tem!

Na jaula dos macacos, Ceci bateu palmas e apontou um dêles: — Olhe, mamãe, que macaquinho engraçado! O rabo dêle é curto, mas bem comprido! E veja como se balança pendurado pelo rabo!

Quando viu a cobra, gritou excitada: — O rabo dela não é comprido nem curto! Ela até parece que é tôda rabo!

Rindo, sua mãe explicou: — As cobras não têm rabo, Ceci, mas você tem razão. Realmente, parecem que são só rabo. Mas isso é porque não possuem pernas e são obrigadas a se arrastarem pelo chão.

Naquela noite, Ceci vestiu seu pijama côr-de-rosa estampado com bichinhos. Olhou-se no espelho e comentou:

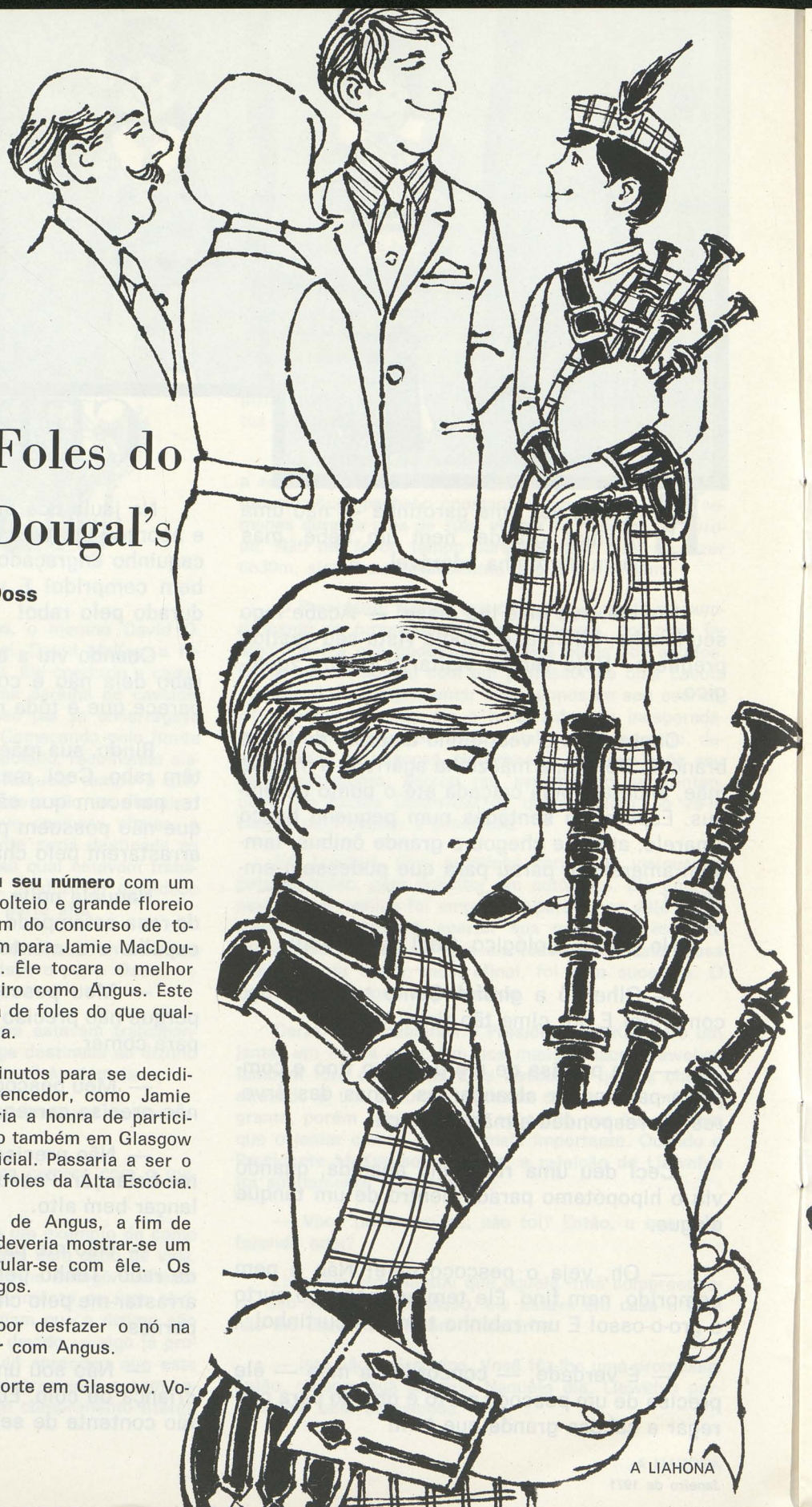
— Meu pescoço não é comprido e fino, porque não preciso arrancar folhas das árvores para comer.

— Meu pescoço não é curto e grosso, pois não precisa carregar uma cabeça grandona.

— Não preciso de um rabo comprido para me balançar. Posso sentar-me no balanço e balançar bem alto.

— Não me pareço como se fôsse feita só de rabo. Tenho pernas e braços. Nem preciso arrastar-me pelo chão. Posso andar com minhas pernas.

— Não sou uma menina grande; nem uma criança de colo. Eu sou a pequena Ceci. Estou tão contente de ser assim como sou!



A Gaita de Foles do Bisavô MacDougal's

Rosalie W. Doss

Angus McGregor terminou seu número com um agudo, seguido de um volteio e grande floreio de notas. Chegara o fim do concurso de tocadores de gaita de foles. Também para Jamie MacDougal estava terminado o concurso. Ele tocara o melhor que pôde, mas não era tão gaiteiro como Angus. Este conseguia tirar mais de uma gaita de foles do que qualquer outro menino da Alta Escócia.

Os júizes levaram apenas minutos para se decidirem em favor de Angus como vencedor, como Jamie sabia que seria. Agora Angus teria a honra de participar da final em Glasgow. E, quando também em Glasgow saísse vencedor, a coisa seria oficial. Passaria a ser o melhor tocador júnior de gaita de foles da Alta Escócia.

Todos acorreram para junto de Angus, a fim de cumprimentá-lo. Jamie sabia que deveria mostrar-se um bom perdedor e também congratular-se com êle. Os dois, além de vizinhos, eram amigos.

Jamie teve que esforçar-se por desfazer o nó na garganta, antes de conseguir falar com Angus.

— Angus, desejo-lhe tóda a sorte em Glasgow. Você merece vencer.

— Obrigado a você, Jamie, — respondeu o amigo.
— Mas não tenho tanta certeza assim.

— Por quê? — indagou Jamie surpreso.

— Estes velhos foles talvez não agüentem, — explicou Angus, estendendo-lhe o instrumento. — O couro está surrado e gasto. Pode arrebentar a qualquer momento.

— Por que você não arranja uma gaita nova antes das finais?

Angus sacudiu a cabeça, desanimado. — As boas gaitas de foles são caras. — Então, sua fase iluminou-se. — Mas, além do troféu, dão um prêmio em dinheiro. Talvez pudesse comprar uma, se vencer o certame.

Jamie baixou os olhos para o seu instrumento. Pertencera ao seu bisavô. Era uma gaita excelente, com encaixes de prata e decorada com as côres do clã MacDougal, que sempre se haviam destacado como os melhores tocadores de gaita da Alta Escócia. A antiga e bela gaita já fizera muitas viagens a Glasgow, para participar de competições e passeatas. Mas hoje, êle, Jamie MacDougal, humilhara o clã inteiro, perdendo para um MacGregor. Que importa que êsse MacGregor fôsse amigo seu? A dor continuava a mesma.

Os pensamentos sombrios de Jamie foram interrompidos pela mãe de Angus, que dizia:

— Por favor, Jamie, acompanhe-nos até a casa para um lanche de "scones" e bolos de aveia.

Jamie afastou-se depressa. Não desejava participar da celebração. Ao partir correndo para casa, sentiu algo macio roçar em sua perna. Era Laddie, o belo cão collie branco-dourado de Angus. O rapaz refletiu que o amigo era mais afortunado do que poderia merecer qualquer rapaz. Além de vencer o certame de gaiteiros, ainda era dono do melhor collie da Alta Escócia. Laddie era um animal de exposição. Ganhara muitas medalhas por suas qualidades como ótimo cão pastor de ovelhas.

— Você é um ótimo cachorro, Laddie, — observou Jamie, ao estacar para afagar o cão. Êle e Laddie eram velhos amigos. Os três, Jamie, Angus e Laddie, freqüentemente pastoreavam juntos suas ovelhas nas encostas das montanhas.

Após um último afago, Jamie retomou sua corrida para casa. Assim que bateu a porta atrás de si, grossas e sentidas lágrimas desceram por sua face. Recolocou cuidadosamente a gaita de foles do bisavô MacDougal em seu lugar de honra, sôbre a mesa da sala da frente. Então, comprimindo os punhos contra os olhos, tentou estancar as lágrimas. Êste ano, os sons característicos da gaita de foles dos MacDougals não seriam ouvidos em Glasgow. Não porque deixara de esforçar-se, mas apenas por Angus ser tanto melhor do que êle.

Seus pais haviam-lhe dito, antes do concurso, que o importante era dar o melhor de si. — Ninguém pode fazer mais do que isso.

E êle fizera o melhor que pôde, mas não fôra o bastante. Contudo, isto não servia de consôlo ao menino decepcionado.

Ouviu um arranhar na porta. Devia ser Laddie. O amigo muitas vêzes mandava o cão chamá-lo. Mas hoje, Jamie teria preferido que Angus não o tivesse mandado.

Jamie abriu a porta. — Está bem, Laddie, já vou. Ninguém irá dizer que um MacDougal é mau perdedor.

Angus veio encontrá-lo a meio caminho da casa dêle, e disse:

— Jamie, mandei Laddie buscá-lo, pois quero pedir-lhe um grande favor.

— O que é, Angus? — indagou Jamie. O que mais poderia querer? Já não ganhou hoje tudo o que importa?!

Angus prosseguiu: — Você permitiria que Laddie ficasse em sua casa, enquanto eu estiver em Glasgow? Não tenho dúvidas de que mamãe cuidaria bem dêle, mas não terá tempo de levá-lo às colinas com as ovelhas ou a longas caminhadas. Garanto que Laddie gostaria de ficar com você, Jamie.

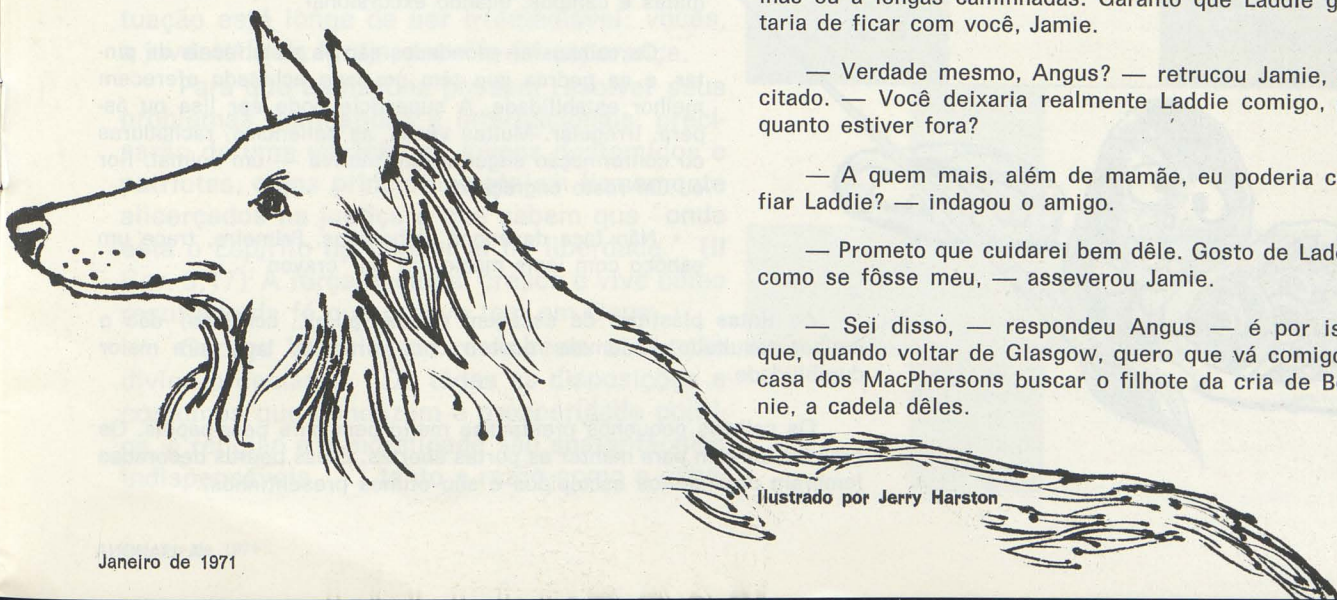
— Verdade mesmo, Angus? — retrucou Jamie, excitado. — Você deixaria realmente Laddie comigo, enquanto estiver fora?

— A quem mais, além de mamãe, eu poderia confiar Laddie? — indagou o amigo.

— Prometo que cuidarei bem dêle. Gosto de Laddie como se fôsse meu, — asseverou Jamie.

— Sei disso, — respondeu Angus — é por isso que, quando voltar de Glasgow, quero que vá comigo à casa dos MacPhersons buscar o filhote da cria de Bonnie, a cadela dêles.

Ilustrado por Jerry Harston



— Um filhote da cria? Do que você está falando, Angus?

— Laddie é pai da última ninhada de Bonnie. Assim, tenho direito ao melhor filhote da cria. Mas vou cedê-lo a você, Jamie. Você mesmo poderá escolher o filhote e ficar com ele.

— Muito, muito obrigado, Angus, — disse-lhe Jamie, quase sem poder falar diante de tanta felicidade. Olhou para o amigo como se o visse realmente pela primeira vez.

Angus sabia quão grande fôra o desapontamento de Jamie por perder o certame de gaitas de foles. O orgulho de família dos escoceses, porém, não lhe permitia embarçar a ambos, dizendo-o. Mas, em sua profunda compaixão e compreensão, estava tentando amenizar a dor do amigo, dando-lhe um filho de Laddie. E não era pequeno o presente! Um filhote assim daria bom preço. Mas, mesmo assim, Angus o presenteava ao amigo.

Que bom vencedor não era Angus! Embora acabasse de ganhar importante competição, não se jactava dela. Ainda tivera tempo de pensar na mágoa de um amigo. Angus, na verdade, soubera ser um vencedor muito melhor do que ele, Jamie, como perdedor!

— Angus, agora quem tem um favor a pedir sou eu — disse Jamie.

— O que é?

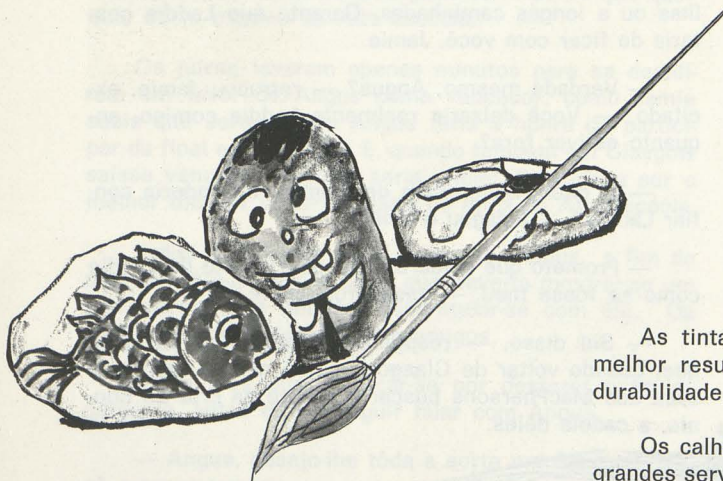
— Você estaria disposto a levar a gaita do meu bisavô MacDougal a Glasgow? Ela sentir-se-ia muito só ficando lá em casa sôbre a mesa da sala.

— Está falando sério? Deixaria mesmo que eu levasse aquele magnífico instrumento para usá-lo nas finais de Glasgow? Com uma gaita assim, não poderei deixar de vencer!

— Eu sei, — respondeu Jamie, feliz. — E é isso o que eu desejo a você. — Dessa vez, era um voto sincero, brotando diretamente do coração de Jamie.

Decoração de Pedras

Peggie Geiszel



Você gostaria fazer presentes diferentes para aniversários ou amigos especiais? Experimente a decoração de pedras!

Comece com bastante antecedência, procurando pedras de formas estranhas e interessantes. Procure em seu próprio quintal, nas ribanceiras de rios, praias, matas e campos, quando excursionar.

Os calhaus arredondados são os mais fáceis de pintar, e as pedras que têm um lado achatado oferecem melhor estabilidade. A superfície pode ser lisa ou áspera, irregular. Muitas vezes, as saliências, rachaduras ou conformação sugerem um motivo — um animal, flor ou um rosto engraçado.

Não faça desenhos elaborados. Primeiro, trace um esboço com lápis macio, giz ou "crayon".

As tintas plásticas de secagem rápida (p. ex., acrílicas) dão o melhor resultado. Podem-se recobrir com verniz ou laca para maior durabilidade.

Os calhaus pequenos prestam-se muito bem para pesa-papéis. Os grandes servem para manter as portas abertas. Essas pedras decoradas lembram ornamentos esculpidos e são ótimos presentinhos.

O Bispo Presidente Fala
à Juventude Sôbre:

Patriotismo

Bispo John H. Vandenberg

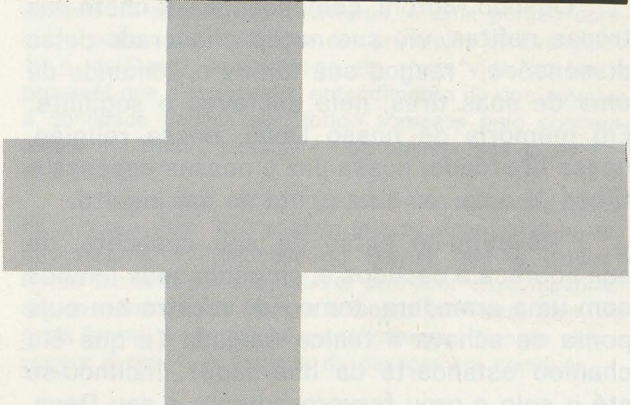
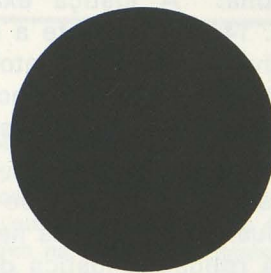
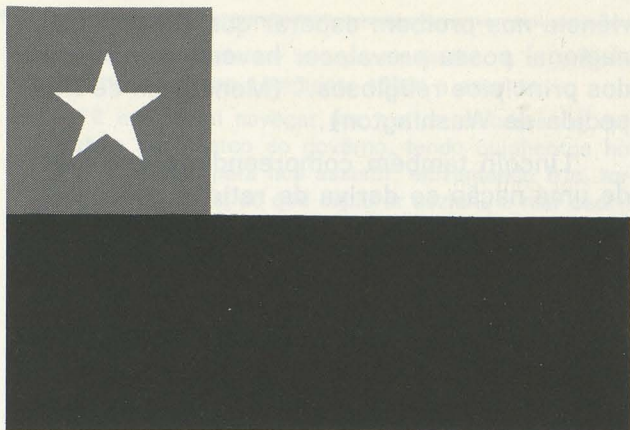
Em sua obra intitulada *If's of History* (Os Senões da História), J. E. Chamberlin tece considerações sôbre os eventuais resultados, caso alguns dos eventos importantes do passado tivessem sido alterados por decisões ou circunstâncias levemente diversas.

Houvesse possibilidade de escrever um livro exato sôbre assunto semelhante acêrca do futuro imediato, sem dúvida mostraria que o atual período da história se encontra no ápice do maior "se" de todos os tempos.

Não é difícil notar que estamos vivendo num mundo atormentado por dificuldades. A anarquia está crescendo alarmantemente; cidadãos provocam tumultos e saqueiam suas próprias cidades; a juventude é incitada por alguns a abdicar sua responsabilidade pelo futuro. Parece que nenhum lugar está a salvo de dificuldades. Não obstante, sabemos que a situação está longe de ser irremediável: vocês, a juventude da Igreja, provêm tal esperança.

Para que as nações possam resolver seus problemas domésticos e internacionais, precisarão de uma geração de jovens destemidos e patriotas, cujos princípios estejam firmemente alicerçados na justiça e que sabem que "onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade." (II Cor. 3:17) A fôrça nacional cresce e vive como resultado da fé que o povo tem em Deus.

George Washington reconhecia a direção divina e declarou: "De tôdas as disposições e costumes que conduzem à prosperidade política, a religião e a moralidade são sustentáculos indispensáveis. . . . tanto a razão como a expe-



riência nos proibem esperar que a moralidade nacional possa prevalecer havendo a exclusão dos princípios religiosos.” (Mensagem de Despedida de Washington).

Lincoln também compreendia que o vigor de uma nação se deriva de retidão pessoal de seu povo:

“Deus governa êste mundo — e é dever das nações, bem como dos homens, de reconhecerem sua dependência ao poder dominante de Deus, confessarem seus pecados e transgressões com humilde contrição... e reconhecerem a sublime verdade de que sòmente as nações cujo Deus é o Senhor, são abençoadas.”

Diz a Bíblia: “A justiça exalta as nações...” (Prov. 14:34) Sòmente a retidão pessoal poderá livrar uma nação atolada em dificuldades. Tôdas as nações necessitam de uma geração de jovens que possua convicções justas.

Não é possível subestimar-se o poder da retidão individual. Muitas vêzes na história da humanidade, a retidão e justiça de um único indivíduo foram o fermento provocador da ascensão de um país inteiro.

Joana d’Arc, a camponesa de 19 anos, erigiu a França dos escombros da derrota, levando seus exércitos à vitória através de sua inspirada bravura.

Mórmon, o profeta nefita, foi nomeado comandante dos exércitos por sua decadente nação. A despeito de contar apenas 16 anos de idade, sua retidão pessoal o destacou como líder.

Daví, o menino-pastor, salvou seu povo por ter suficiente fé em Deus, para descer ao vale enfrentando o lutador campeão de Gate.

Quando Morôni, comandante em chefe das tropas nefitas, viu sua nação dilacerada pelas dissensões, “rasgou sua túnica e, tomando de uma de suas tiras, nela escreveu o seguinte: Em memória de nosso Deus, nossa religião, nossa liberdade, nossa paz e nossas espôsas e filhos; e amarrou-a na ponta de um mastro.

“Revestiu-se então de seu capacete, de sua couraça e escudos e, cingindo seus lombos com uma armadura, tomou do mastro em cuja ponta se achava a túnica rasgada (a que êle chamou estandarte da liberdade), inclinou-se até o solo e orou fervorosamente a seu Deus,

a fim de que as bênçãos da liberdade permanecessem sôbre seus irmãos enquanto houvesse, para tomar conta do país, um grupo de cristãos —...

“E, por conseguinte, Morôni orou nessa ocasião para que fôsse favorecida a causa dos cristãos e a liberdade do país.

“E aconteceu que, quando êle elevou sua alma a Deus, deu o nome de país escolhido e terra de liberdade a tôda a zona situada ao sul do país de Desolação, sim, e em resumo a tôda a terra, tanto ao norte como ao sul.

“E disse: Certamente Deus não permitirá que nós, que somos desprezados por tomar o nome de Cristo, sejamos pisados e destruídos, enquanto tal castigo não provoquemos por nossas próprias transgressões.

“E, tendo Morôni falado estas palavras, adiantou-se por entre o povo, fazendo tremular a tira de sua túnica no ar, para que todos pudessem ver a inscrição que nela havia colocado, e clamou em alta voz:

“Todos que queiram manter êste título no país adiantem-se, na fôrça do Senhor, e façam convênio de que apoiarão seus direitos e sua religião, para que o Senhor Deus possa abençoá-los.” (Alma 46:12-13,16-20)

Cada um dêesses indivíduos, além dos demais que poderíamos mencionar, demonstra, convincentemente, a importância da retidão pessoal na preservação do vigor de uma nação. Não há melhor maneira de demonstrarmos nosso amor pela pátria do que adotarmos em nossa vida os princípios que tornam forte uma nação.

Como Morôni dos tempos nefitas, ou Daví da antiga Israel, precisamos ter a coragem de declarar abertamente nossa fidelidade à pátria e aos princípios que preservam sua grandeza.

Não pode haver dúvidas acêrça de como a juventude da Igreja enfrentará êsses tempos desafiantes. O rumo é claro. O Presidente David O. McKay o traçou com as seguintes palavras:

“Nestes dias de incertezas e inquietação, a maior responsabilidade e supremo dever dos povos amantes da liberdade é perseverar e proclamar a liberdade do indivíduo, seu relacionamento com Deus, e a necessidade de obediência aos princípios do Evangelho de Jesus Cristo. Sòmente assim, poderá a humanidade encontrar a paz e a felicidade.” (**The Improvement Era**, dezembro de 1962, p. 903)

Conheça a si Mesmo

Os gregos tinham um axioma predileto: "Conhece-te a ti mesmo", e grande parte de sua literatura e filosofia baseava-se nesta máxima. A que ponto você se conhece? O segredo para vir a conhecer a si mesmo é examinar o mais íntimo "eu". Henry David Thoreau, naturalista, filósofo e escritor americano (1817-1862), que passou diversos meses numa pequena cabana junto ao Lago Walden, na Nova In-

laterra, para conhecer um pouco melhor a si próprio e a natureza, disse o seguinte sobre o assunto:

"É mais fácil navegar por muitos milhares de quilômetros num barco do govêrno, tendo quinhentos homens e rapazes para nos assistir, enfrentando frio, tormentas e canibais, do que explorar sozinho o mar secreto, o Atlântico e o Pacífico do próprio ser."

Mas digamos que você explorou seu "mar secreto", que vasculhou seus mais íntimos pensamentos e sensações. E então? Consegue aceitar o que viu lá dentro? Consegue encarar honestamente a si mesmo?

Por diversos anos, a Primeira Presidência fez distribuir uma série de cartazes desafiando a juventude:

Conheça seus Amigos

E que tal você se comunica com os outros? Permite que conheçam o seu verdadeiro "eu", e permite a si mesmo conhecê-los como realmente são?

Quase todos nós temos um "eu" ideal que tentamos projetar aos outros. Mas, às vezes, esquecemo-nos de que um projetor pode apenas registrar uma imagem — a realidade talvez seja bem diferente da imagem ideal.

Até que ponto sua imagem retrata você? Talvez você conheça alguém cuja imagem parece a de um rapaz ideal — atlético, bolsista em potencial — vocês conhecem o tipo, sujeito que talvez receba dúzias de elogios por seu discurso na reunião sacramental, mas que, na segunda-feira, é o que mais se diverte com as piadas inconvenientes contadas por um colega no vestiário. O quanto difere a imagem projetada pelo discurso, da realidade revelada por sua conduta? Você, alguma vez, já foi culpado de uma discrepância assim? E se fôr o caso, estará honestamente disposto a deixar que os outros saibam que, embora possa ter falhas, está tentando corrigi-las?

Conheça a Deus

Kathlenn Pederson

Quer dizer que você deseja chegar ao reino celestial. Tem certeza disso? Como sabe? Os que habitarem o reino celestial não apenas se tornarão deuses, mas viverão com Deus para todo o sempre. Isto significa um longo tempo. Você tem certeza de que gostaria de viver com Deus por tanto tempo assim? Conhece a êle e ao seu modo de vida o suficiente para estar certo?

Para têmos esperança de chegar a merecer a vida celestial, precisamos conhecer a Deus. É possível aprender-se alguma coisa sobre sua maneira de viver através do estudo das Escrituras, e uma porção apreciável acerca da veracidade dos princípios do Evangelho (i. é, de Deus), aplicando-os em nossa vida, porém, é provável que o verdadeiro entendimento do que envolve a divindade poderá ser obtido somente pelo conhecimento — íntimo, pessoal — de alguém que já se tornou divino.

Digamos que você ingressará numa universidade no ano que vem. Não acharia interessante obter certas informações confidenciais de alguém que lá esteve? Como também seria agradável conhecer os companheiros de quarto, saber que se arranjará bem com êles. De certa forma, é sempre bom conhecer que tipo de vida o espera e com que espécie de pessoas irá conviver.

"Seja Honesto Consigo Mesmo". Cada um dêles ilustra o princípio da honestidade com o próprio eu. Quantas vezes você não fez mais do que sorrir, quando aparecia um nôvo? Quantas vezes você tentou promover tal conceito em sua vida? A que ponto foi honesto consigo próprio?

Todos nós temos o que os psicólogos chamam de uma "válvula de escape" ou "mecanismo de escape" do qual lançamos mão, quando a vida nos parece dura demais. Muitas vezes, tais mecanismos de escape são perfeitamente normais e necessários, como auxílio para nos ajustarmos a um mundo imperfeito. Contudo, amiúde demais, inclinamo-nos a fazer do "escapismo" um sinônimo de "exculpismo", e iludimos a nós mesmos, ra-

Até que ponto você arrisca deixar que os outros o conheçam realmente — não apenas que você não é perfeito, mas também que é um indivíduo, alguém que nem sempre quer acompanhar a "turma"? Estaria disposto a admitir que, na verdade, não liga muito para bailes, preferindo um piquenique? Ousaria confessar que aprecia mais a música ligeira do que os ritmos "quentes", ou prefere Beethoven à música popular?

Estará você disposto, honestamente, ao risco de expor-se um pouco mais, sujeitando-se, talvez, a ser ridicularizado ou rejeitado, mas também conseguindo eventualmente uma amizade mais chegada, sincera, com

E outra coisa, se não conhecermos o Senhor, como faremos para reconhecer sua voz, quando falar conosco? Nem sempre ele fala como de um homem para outro; aquela "voz suave e mansa" freqüentemente é mais uma sensação de paz quanto à justeza de uma decisão do que um som próprio. E muitas pessoas recebem respostas em sonhos. Outras ainda recebem respostas por intermédio das bênçãos dadas pelos pais. Mas, como seremos capazes de discernir entre a inspiração do Senhor, a simulação do demônio, e nossos próprios desejos? Talvez você já tenha participado daquela brincadeira em que certo objeto, previamente escondido, deve ser achado por uma pessoa de olhos vendados, com o auxílio de uma segunda, que lhe diz a verdade sobre o rumo a tomar, enquanto uma terceira lhe dá indicações falsas. Seria você capaz de discernir o guia que fala a verdade? É capaz também de reconhecer

acionalizando aquilo que uma voz interior honesta nos diria ser pura e simples tolice ou preguiça.

Por exemplo, quando você diz que quer perder uns quilos, mas continua banqueteadando-se com chocolate e tortas, a que ponto está sendo honesto consigo mesmo quanto ao desejo de emagrecer? Honestamente, você, na realidade, não prefere ser obeso e super-alimentado a esbelto?

Ou talvez você não jogasse muito neste ano — ou porventura nem chegasse a ser indicado para o time. De quem foi a culpa? Do treinador? Teria sido ele mudo e cego? Ou talvez parcial? — Ou — honestamente — suas condições seriam realmente satisfatórias? Você terá trabalhado e treinado com suficiente empenho e suficiente tempo?

peçoas que o apreciam pelo que realmente é, não pelo que aparenta ser?

E quanto à imagem projetada pelos outros — você a vê verdadeiramente? Enxerga mesmo a imagem ou a realidade? Presta atenção quando lhe confiam um problema? uma vitória? Talvez, como a maioria de nós, você está mais preocupado com o que vai dizer em seguida, do que com o que lhe estão dizendo. Quem sabe, é mesmo mais importante resolver aquele problema de matemática ou estudar um nôvo acorde na guitarra do que dar atenção à irmãzinha que pensa ser você o "tal". A matemática ou sua guitarra serão realmente tão importantes?

aquêle outro guia sincero, Deus? Provavelmente, não — a não ser que o conheça realmente.

Por meio da oração e sincera comunicação, é possível vir a conhecer Deus. Como também falar com ele tão francamente como com seu melhor amigo e receber as mesmas respostas diretas, a despeito da forma que possam assumir. Os profetas, antigos como modernos, registram algumas de suas comunicações com o Senhor: os salmos de Davi são um dos exemplos; outro, a oração de Joseph Smith enquanto aprisionado na cadeia de Liberty. Ao saber das crescentes perseguições pelo populacho enfurecido, Joseph Smith clamou, angustiado: "Ó Deus, onde estás?", ao que respondeu o Senhor: "Meu filho, paz seja com a tua alma... O Filho do Homem sujeitou-se a todas elas. És tu maior do que ele?" (Veja D&C 121, 122) Esses homens realmente conheciam o Senhor.

Ou, quem sabe, você não conseguiu um par para o baile e fica andando desanimada pela casa, remoendo por que esses rapazes obtusos não conseguem enxergar além dos atavios de uma môça a ver a pessoa real, por que não se dão conta que você é um par muito superior àqueles que estão sempre flertando. Seja honesta, você não esquece, às vezes, que eles também são "gente" e não existem apenas para convidá-la a sair nos fins de semana? E quando fica tôda empertigada e alarmada ao lado dêles, não se estará preocupando demais com a impressão que lhes está causando? Não estará conjeturando se determinado rapaz gostará de você e a convidará para sair, em lugar de compreender que eles também precisam sentir aprêço? Você se dá ao traba-

lho de fazê-los perceber o quanto a impressionaram — não apenas como mero par em perspectiva, mas como pessoa?

Com sinceridade, alguma vez já se recolheu em si mesma, para indagar: "Quem sou eu? Por que sou o que sou?" Você pode ser uma filha de Deus, mas também é um ser mortal falível. Então, se você se achar um ser humano um tanto mais imperfeito do que desejaria ser, irá enfrentar essa descoberta sem nada fazer, ou encetará a marcha pela senda do auto-aperfeiçoamento? Diz um ditado familiar: "Se não mudares de rumo, chegarás ao destino que êle leva." Por que, então, não fazer uma pausa para avaliar seu rumo? Conhece-te a ti mesma! (Honestamente)

Mas talvez você ache que não está projetando apenas uma imagem ideal, mas o verdadeiro eu, e que tenta honestamente conhecer os outros. A que ponto, pois, estará inclinado a falar sôbre o laço entre amigos que tal conhecimento cria? Às vezes, a verdadeira comunicação surge, quando você consegue aproximar-se do colega de quarto ou de uma irmã e confessa: "Você realmente me deixou magoado, quando disse aquela pilhéria sôbre os cinco quilos que engordei", ou quando consegue desculpar-se: "Sinto muito — deveria ter notado", e ambos conseguem sorrir, conhecerem-se e amar-se um pouco mais, por causa dessa comunicação.

Ou quão disposta estará em correr o risco de dizer

ao rapaz com quem saiu algumas vezes que gosta realmente da sua companhia e dêle como pessoa, mas que preferiria interromper os encontros? Talvez isso possa ferir os sentimentos dêle — e caberá a você julgar se êle possui ou não maturidade suficiente para "agüentar o golpe" — mas também poderá descobrir que essa honestidade eventualmente levará a uma amizade valiosa, uma amizade sem restrições, uma amizade inestimável para tôda a vida. Isso já tem acontecido!

A comunicação entre duas pessoas pode ser um risco — tanto para você como para a outra. Mas também pode valer tal risco. Quão disposto estará você a correr êsse risco — honestamente?

Entretanto, não é preciso ser um rei ou profeta para ter uma comunicação dessas com o Senhor. Poderemos, por nós mesmos, falar com êle, e não só quando tivermos problemas; poderemos também compartilhar dos planos e triunfos da vida cotidiana.

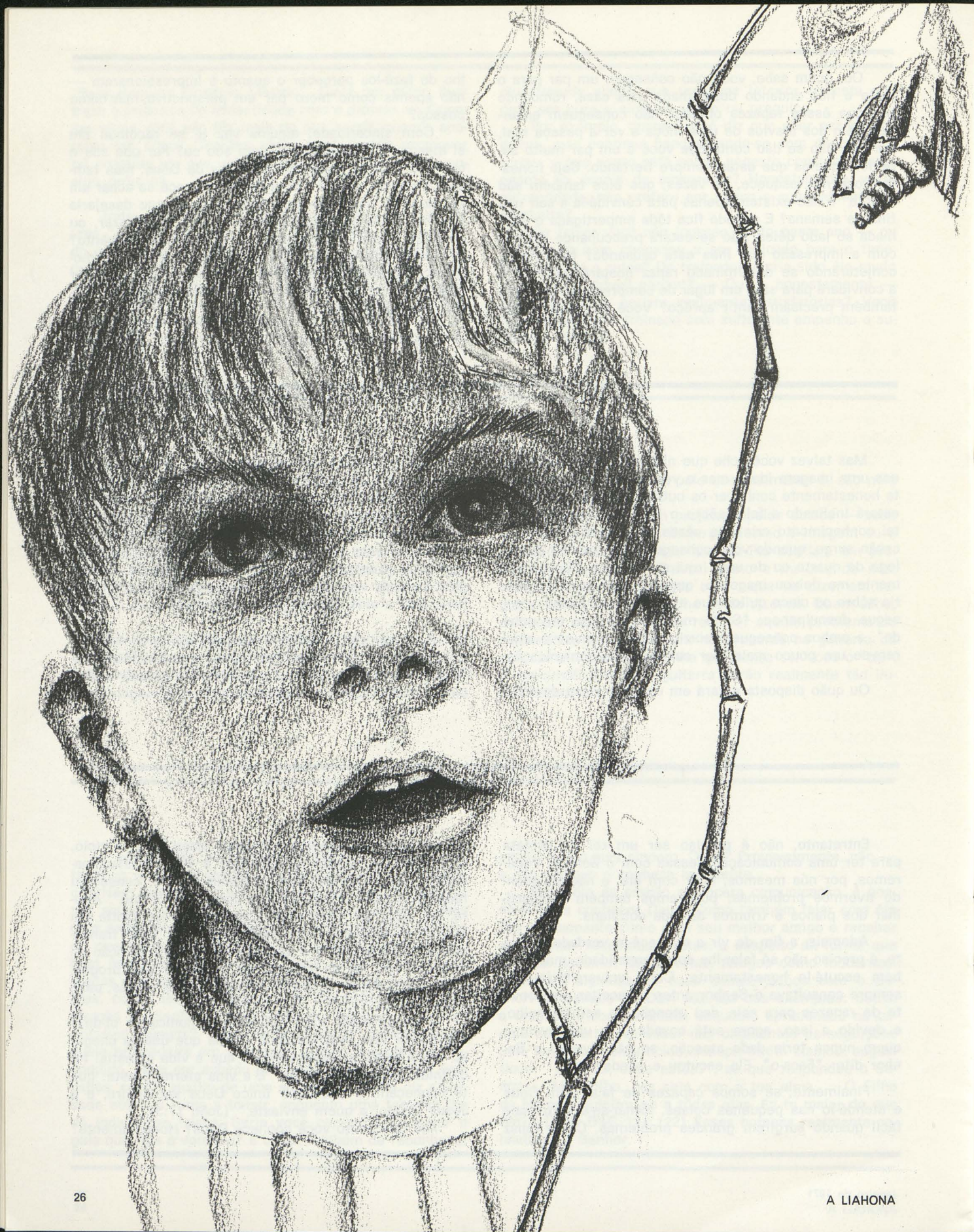
Ademais, a fim de vir a conhecê-lo verdadeiramente, é preciso não só falar-lhe com honestidade, mas também escutá-lo honestamente. Certa universitária que sempre consultava o Senhor antes de aceitar um convite de rapazes para sair, deu atenção ao seu conselho, e devido a isso, agora está casada com um jovem a quem nunca teria dado atenção, se não tivesse o Senhor dito: "Faça-o". Ela escutou e obedeceu-lhe.

Finalmente, se somos capazes de falar com Deus e atendê-lo nas pequenas coisas, tornar-se-á bem mais fácil quando surgirem grandes problemas. Certo rapaz

viciado em drogas tentou por cinco vezes largar o vício, mas sômente depois de começar a formar relacionamento com o Senhor nas pequenas coisas, conseguiu realmente pedir o auxílio dêle para ficar "firme". Agora, em lugar de "ficar alto" com drogas, êle exulta em fazê-lo no Evangelho. E seu método de "falar francamente" ao Senhor — e depois escutar com atenção — funciona não só no tocante ao problema das drogas, como em qualquer problema — de rapazes, môças, pais, escolares etc.

A chave disso tudo? Honesta comunicação bi-direcional. Por isso, quando você afirma que deseja chegar ao reino celestial, lembre-se de que a vida celestial foi definida como vida eterna. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3)

Até que ponto você conhece Deus? Honestamente?



Viver Verdadeiro

Elayna Louise Barber

A lagarta contorcia-se, como se sua extremidade posterior estivesse presa algures, no fundo do lenho. Suas mandíbulas trabalhavam incessantemente nas bordas do buraco, alheias ao delicado desenho que criavam no tronco.

O menino observava a faina através das pálpebras semi-cerradas. Imaginava se ela também estaria embriagada pelo sol estival e o aroma fragrante dos pinhos da montanha. O labor era incomum. Todo em marrom, mas em tantas nuances diversas! Arrastou-se sobre o tapêto de fôlhas de pinheiro, acercando-se para ver melhor. A lagarta parou de mastigar, suspeitosa com aquêlê nariz sardento a meros dez centímetros de distância. O menino riu interiormente e rolou o corpo, ficando deitado de costas. O sol estava tão quente, o ar tão fragrante, as nuvens grandes e baixas! Frequentemente, sonhava estar voando para aterrar numa delas. Imaginava-se saltando e dando cambalhotas sobre suas fôfas almofadas.

Voar como os pássaros. Como seria bom! Imagine a cara dos pais, se um dia simplesmente chegasse ao alpendre e saísse voando para as alturas do céu! Então ficariam orgulhosos; então, quem sabe, compreenderiam que ser diferente não era tão ruim assim.

Um pardal castanho pousou num galho acima dêle, fazendo oscilar o ramo para cima e para baixo. Pôs-se a rir, quando o animalzinho bateu as asas para manter o equilíbrio.

"Passarinhos, Passarinhos,
Quais foram os sons que ouvistes,

Quais as belezas que vistes.
Quando deixastes os ninhos?"

As palavras vinham-lhe facilmente. Os versos eram a única maneira em que conseguia exprimir a alegria sentida, e passou a repetir mentalmente a quadrinha para si mesmo.

Levantou e espreguiçou-se, sentindo-se jovem, cheio de vida, disposto e livre como tôdas as coisas na montanha. Tudo era amarelo, verde e cáldo. Pulou, elevando-se no ar como que num vôo, depois partiu correndo montanha acima. Para cima, para cima, até alcançar o penhasco de rochas escarpadas que dominava as campinas, sua casa e o vale mais abaixo. Escalou apressado, com espantosa energia para seus dez anos, até chegar ao tôpo das rochas, onde estacou os braços estendidos para o alto, os olhos cerrados. Então, bradou interiormente, pelo simples júbilo de estar vivo!

Uma águia desenhava círculos acima dêle, lenta e graciosamente, à espera de uma presa. O menino deitou-se de costas na pedra ensolarada, observando e tentando imaginar como seria o mundo visto lá de cima.

"Ah! Se eu fôsse como a águia
Sentada sobre um penhasco
Aguardando apenas ter
O desejo de voar.
Voar em círculos largos
Em vôo baixo e profundo
Por sobre montes e vales
Até os confins do mundo."

Riu novamente lá no íntimo e dedicou a poesia ao pássaro. Não se importava com o tempo que estava deitado ali. Sentia-se apenas em perfeita sintonia com o ambiente, e houvesse alguém passado, provável-

mente tomaria o pequeno corpo sobre a rocha como mais um ser silvestre habitante da montanha e embeber-se do quente sol de verão.

O tempo passou; o menino sentiu impulso de se mover, abandonar sua "pedra dos devaneios" e descer correndo vertente abaixo. Desceu do rochedo e estacou, apenas por um instante, saboreando a quietude. "Sou um cervo — não, um gamo, o mais belo de todos!" E no mesmo instante, lá se foi, montanha abaixo, deixando para trás o tronco em que vivia a lagarta, atravessando a campina, passando pelo portão, até chegar ao amplo alpendre. Jogou-se na rêde, balançando-se para frente e para trás, ofegante, gozando a sombra acolhedora. Sentia o perfume das roseiras fluorescentes lá para os lados do jardim, e ainda — ergueu o nariz sardento e farejou — sim, podia sentir o cheiro do sol, da brisa e do pinho da montanha. Riu interiormente enquanto, impulsionada pelo pé, a rêde rangia para lá e para cá, para lá e para cá.

Dentro de casa, sua mãe, entre-tendo uma visita, ouviu o rangido da rêde e sabia que êle voltara. Sorriu tristemente e sua amiga retribuiu-lhe solidariamente.

— Os médicos continuam insistindo em que não há esperança?

— Nenhuma. Afirmam que continuará mudo para o resto da vida.

— Que lástima, — comentou a visita, tocando seu braço. — Nunca sentir plenamente a alegria de viver!

A mãe assentiu com um movimento de cabeça.

O Poder do Testemunho

Mark E. Petersen

do Conselho dos Doze



Converter é a meta final de todo o ensino na Igreja.

A menos que seja esse o nosso objetivo, estaremos fracassando como professores e líderes de classes; e fracassando individualmente como professores, toda a organização fracassa na medida concernente à nossa designação particular.

Nossas salas de aula e púlpitos não se destinam aos propósitos de "foro popular", nem tampouco são locais de debate. Não devem ser utilizados como "caixa acústica" para promulgar idéias, interpretações e pareceres particulares do professor.

Nossas salas de aula e púlpitos são centros de aprendizagem do Evangelho, instalações pelas quais se podem tocar os corações e converterem-se almas ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

As palavras de Paulo aos romanos devem soar constantemente em nossos ouvidos:

"... Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

"Como pois invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue?

E como pregarão se não forem enviados?... (Romanos 10:13-15)"

Toda pessoa que comparece às nossas aulas, necessita ser ensinada e mais convertida. O Evangelho é tão amplo em suas implicações e aplicações, oferecendo tão grande soma de conhecimento, que nenhum mortal até hoje conseguiu aprender tudo o que ele contém. Portanto, todos precisam ser ensinados.

As pessoas que comparecem às nossas aulas, frequentemente mostram-se "famintas e sedentas" das tenras sementes de justiça encontradas numa lição bem apresentada. Ao professor da classe cabe a responsabilidade de satisfazer essa necessidade, através de material devidamente preparado, que seja ortodoxo e, correto e isento de especulações de qualquer tipo.

A boa instrução incluirá o emprêgo de auxílios visuais, quando apropriados, bem como da palavra falada. As referências às Escrituras são vitais em toda lição. Nosso ensino deve comportar a marca de autenticidade, e quando recorreremos generosamente às Escrituras na educação religiosa, elas asseguram essa qualidade.

Mas existe ainda outro fator imprescindível para logarmos as conversões almeçadas entre os membros da nossa classe — o TESTEMUNHO.

Quando se pergunta a pessoas recém-convertidas sobre o que mais as impressionou ao conhecerem a Igreja, quase todas respondem: O profundo e sincero testemunho do missionário.

Na qualidade de professores de uma classe, também somos missionários e, se esperamos converter nossos alunos às doutrinas de que falamos, precisamos utilizar o poder do testemunho, exatamente como o fazem os missionários de proselitismo.

"Ensinar*— Testificar — Batizar!"

Eis a rota seguida pelos missionários, devendo ser também o nosso método ao dirigir uma aula.

Hoje em dia, muito se tem falado sobre o ensino "direto e personalizado". É realmente muito eficiente. Ainda assim, tal método deixa muito a desejar, a não ser que seja acompanhado pelo testemunho direto e pessoal vindo de um professor dedicado.

Quando uma lição é apresentada eficiente e convincentemente, o que mais se pode comparar ao clímax

de um testemunho no qual o professor declara com toda a sinceridade:

"E presto testemunho a vocês de que eu sei que isto é verdade".

Este método converte não-membros pelo mundo afora. Será igualmente eficiente na conversão e "re-conversão" daqueles que vêm à sua aula.

O testemunho sincero é acompanhado por uma influência especial. Através dele, o Senhor derrama seu Espírito profusamente. Seja onde for que prestemos nosso testemunho — como missionários pelo mundo afora, aos familiares no círculo doméstico, ou aos membros de uma classe na Escola Dominical — essa força estará conosco. Mas, sem ele, poderá nosso ensino soar convincentemente?

Se possuímos um testemunho ardendo em nosso peito e o prestarmos destemida e corajosamente, causaremos a impressão desejada. As conversões se seguirão e, com elas, virá a salvação para todos os que obedecerem.

Este é o nosso testemunho!

"BUSCAI E ENCONTRAREIS"

Johann A. Wondra

Mateus 7:7

"Fui criado sem qualquer instrução religiosa. Nunca ouvira nada sobre o nosso Pai Celestial e somente descrições desconcertantes do nosso Redentor. Não obstante, já como criança pequena, desenvolveu-se em mim um sentimento muito forte e definido quanto à existência de um Ser espiritual invisível interessado em mim, como seria um pai carinhoso, e que me entendia e a todas as minhas esperanças e aspirações. Esse ente era para mim algo muito real, e eu o consultava quanto a todas as minhas necessidades infantis e em todos os meus problemas. Entretanto, pouco a pouco, fui perdendo esse sentimento que me dera

segurança; e durante meus tempos de universitário, restava-me apenas uma concepção abstrata de Deus, até o dia em que dois missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias me procuraram. Quando abri a porta à batida deles, anunciaram: "Temos uma mensagem de Deus para você."

Eu estava preparado para aquela visita. Estivera buscando e ansiando pela verdade. Não mais poderia viver sem ela. Sentia que a verdade existe e que eu haveria de encontrá-la.

"Temos uma mensagem de Deus para você!" As singelas palavras daqueles missionários tocaram-me profundamente. Ouvi a história de Joseph Smith. Depois, deixaram comigo o Livro de Mórmon que li duma só assentada, sentindo-me tomado por um indescritível sentimento de alegria, como nunca antes havia experimentado.

Johann A. Wondra foi batizado na Igreja a 30 de novembro de 1958, à qual continua servindo ativamente desde aquela data. É formado pela Universidade de Viena, trabalhando profissionalmente como diretor assistente do Burgtheater de Viena. É casado com Ursula Tischauser. O casal tem três filhos.



“Eu sou o caminho, a verdade e a vida...”

João 14:6

Sim, ali estava a verdade! Que alegria inexprimível — saber realmente que existe um Ser assim, exatamente como pressentira na infância, que há um Pai nos céus e que eu era seu filho e êle meu Pai para todo o sempre.

Recordo-me nitidamente do dia em que fui batizado e da sensação cálida, tranqüila e feliz em meu coração. Naquele tempo, tomei a decisão de procurar conhecer realmente meu Pai Celeste e meu Redentor, e ligar-me intimamente a êles. O caminho foi-me tornado claro pelas palavras de Joseph Smith e John Taylor, quando lhe disse que atentasse para os ditames do Espírito de Deus.

“Atenta para o que o Espírito te sussurra,” disse Joseph Smith. “Aplica-o em tua vida e se tornará um princípio de revelação, para que possas conhecer e entender o espírito dêsse poder.”

Comecei a treinar-me para, atender, conscientemente, aos ditames do Espírito de Deus. Costumava passear regularmente pelos belos bosques vienenses, enquanto lia as Escrituras, orava, procurava ouvir o Espírito Santo, e anotava o que sussurrava ao meu coração. Eu praticava isso de modo bastante semelhante ao que se pratica com uma língua estranha.

Certo dia, preocupado com muitos problemas, decidi escalar uma montanha próxima, a fim de pedir conselhos ao Senhor. Durante o caminho, elaborei uma lista de tudo o que me deprimia, uma lista completa até os mínimos detalhes. Era uma longa lista. Satisfeito com meu trabalho, comecei a deleitar-me com as belezas naturais ao meu redor. Senti-me assombrado com a maneira pela qual o Senhor governava e dava vida a todo aquêles esplendor; estabelecia uma lei e depois permitia que tôdas as coisas a êle sujeitas elaborassem sua própria existência complexa. A percepção dêsse plano causou-me arrepios e parei de rogar a Deus que me resolvesse todos os meus problemas individuais. Ao atingir o tôpo da montanha, pedi ao Senhor uma única coisa — a necessária sabedoria e força para eu mesmo solucionar todos aquêles problemas. Agradei ao Senhor as muitas bênçãos da minha vida. Então, pareceu-me ouvir uma voz que dizia: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida.” Enquanto descia da montanha, descobri que meus numerosos problemas haviam desaparecido. Sentia-me cheio de vida divina e da percepção do que realmente significa ser um filho de Deus, ter uma linhagem divina.

Admirava Néfi, o filho de Léhi, desde a primeira vez que travara conhecimento com o Livro de Mórmon. Muitas vêzes, meditei sôbre os aspectos em que diferia dos irmãos mais velhos, Lamã e Lemuel. Entender aquela diferença era muito importante para mim, pois, de alguma forma, parecia servir de medida à minha própria atitude para com o Profeta, que, à semelhança de Léhi, dirige a grande família da Igreja. Era importante para mim conhecer as bases da conduta de Néfi, a fim de ser contado entre os “edificadores” e não entre os “murmuradores”. Um dia, descobri. A **única** diferença realmente distintiva era o fato de Néfi desejar testemunhar as revelações através do poder do Espírito Santo, como seu pai fizera, enquanto seus irmãos apenas queriam debater e argumentar sôbre elas. (Veja I Néfi 10:17-19; 15:1-11) E por isso, a vida de Néfi alicerçava-se na revelação pessoal. Êle **sabia** e **via**. E assim, resolvei prestar atenção a cada palavra do nosso Profeta vivo, estudar suas palavras e orar acêrca do que disse, e como poderia aplicá-las em minha vida. Agindo dessa forma, tive muitas experiências maravilhosas e obtive um firme testemunho de que Deus, usando seus profetas como porta-vozes, realmente fala a nós.

A transmissão radiofônica da conferência geral da Igreja de abril de 1968 foi, para mim, uma experiência inesquecível. Minha espôsa e eu acabávamos de chegar do hospital em que estava internada nossa filhinha de seis meses, nos últimos estágios de câncer. Já havia traços do mal na coluna vertebral. Seu fígado apresentava o dôbro do tamanho normal. Ao abençoá-la, prometi que iria viver e recuperar-se, mesmo após os médicos especialistas terem perdido qualquer esperança de cura. Foi logo depois disso que ouvimos a mensagem do nosso amado Profeta David O. McKay. Êle falou sôbre a divindade de Jesus Cristo e a ressurreição de Lázaro. Essa mensagem mais uma vez nos habilitou a colocar tôda a confiança no poder do Senhor. Oh, com que profunda gratidão cantamos as palavras: “Damos graças a ti, ó Deus amado, por mandares a nós uma luz!”

Nossa filhinha ficou completamente curada e hoje é uma criança normal, sob todos os aspectos.

Deus é verdadeiramente o Pai que nos ama. Está interessado em cada um de nós. Não faz distinção de pessoas, mas investiga antes o nosso coração. E porque nos ama, deseja que venhamos a êle e sejamos abençoados. Deu-nos um Profeta vivo, que nos ajuda a encontrar o caminho que leva à sua presença.

um momento de oração com um soldado

Carla Sanson

Eu estava só, sentada na banquetta do órgão, num desmantelado edifício que usávamos como capela na cidade de Hamburgo, Alemanha, ensaiando o hino "Mais perto quero estar". Uma boa terça parte do telhado havia sido arrancada pelas detonações de bombas explosivas, de modo que de um lado estava pendurado em frangalhos, com um grande buraco bem sobre a sala de reunião. Mas era o único lugar que restara para os membros da Igreja se reunirem. E estávamos muito gratos por êle.

Era pelo fins do ano de 1944. A Alemanha já sofrera perdas insuportáveis; contudo, ainda formavam regimentos que eram mandados para o leste, para retardar o ímpeto da invasão russa.

A bela luz dourada do sol no acaso banhava o telhado, enquanto meus dedos brincavam nas teclas. Muitos sons dissonantes de fora passavam pela brecha no telhado — o pôrto, a estação de estrada de ferro, o alarido de ruas movimentadas. Eu sabia, porém, que Deus estava próximo; já sentira sua paz tantas vêzes.

Enquanto minha mente se entretinha com êsses pensamentos, ouvi uma forte batida na porta externa, depois mais outra, em seguida um sacudir ruidoso. Senti a urgência naquelas pancadas e apressei-me em abrir a porta. Encontrei um jovem tenente em uniforme de campanha, a quem nunca havia visto antes. Ao fitar seu rosto inteligente mas exausto, o estranho disse:

— Queira desculpar-me. Ouvi um órgão tocando... Sou o Tenete Schwartz — quero dizer, Irmão Hans Schwartz, de Viena. — Estendeu-me a mão esbelta, maltratada pelas intempéries. — Você é santo dos últimos dias, não é?

Confirmei, com um movimento de cabeça.

— Nosso regimento está mudando de trem na estação, e ali parado na plataforma, ouvi o belo hino tão familiar. Segui os sons chegando até aqui.

Mas isso é impossível! Foi meu primeiro pensamento. A estação fica a três quarteirões inteiros, e com todos o barulho lá fora!

— Não pode imaginar como me deixou feliz encontrar êsse lugar, — prosseguiu o moço. — Vamos partir daqui a uma hora e eu precisava orar. — Hesitou, depois fitou-me nos olhos. — Posso pedir-lhe que ore comigo?

Fiquei estupefata por um momento. Convidei-o a entrar na capela. Precisava de algum tempo. Seitei-me novamente ao órgão e comecei a tocar a conhecida melodia.

O soldado sentou-se num degrau e fechou os olhos.

Êle quer que eu ore com êle. Ainda se fôsse uma môça, pensei, seria bem mais fácil. Mas êle é seu ir-

mão, alguma coisa me dizia. E exatamente agora necessita orar com alguém que compartilhe sua crença!

Minhas mãos apertavam as teclas como que para submergir minhas dúvidas. O jovem acompanhou-me com uma clara e bela voz de tenor: "Mais perto quero estar, meu Deus, de ti." Achevou-se ao banco e sentou-se perto de mim. Paulatinamente, minha reserva desvaneceu-se. Cantamos as quatro estrofes inteiras. "Sempre hei de suplicar: Mais perto quero estar, mais perto quero estar, meu Deus, de ti." Notei uma lágrima em seus olhos.

— Você alguma vez já teve medo de morrer? — perguntou-me.

— Não, nunca, — respondi.

— Sei que logo irei morrer no campo de batalha, — prosseguiu.

— Ora, não irá não! Você está apenas farto de lutar e tremendamente cansado. É natural que lhe venham êsses pensamentos. — Sentia-me extremamente inútil.

Silenciou por longo tempo. Depois, deixou-se escorregar do banco e caiu de joelhos.

— Por favor... — fazendo um sinal, para que ajoelhasse também.

Ajoelhei-me ao lado dêle. Então, o soldado abriu seu coração a Deus. Disse-lhe o quanto o amava, e o que o Evangelho significava para êle. Mencionou o quanto sempre se sentira confortado no campo de batalha, mas, que agora, seu coração pesava, pois sentia que sua permanência na terra estava para findar em breve. Desejava tanto poder viver para ser um pregador da verdade e da justiça; contudo, se fôsse da vontade do Senhor, estava pronto a morrer, pois sabia que do outro lado também havia trabalho a ser feito.

Meus olhos estavam marejados de lágrimas, e então chegou a minha vez de falar com o Pai Celestial. Eu esquecera completamente que aquêle homem era um estranho. Foi fácil expor inteiramente o meu coração como êle fizera, e não pude deixar de notar a presença de seres celestiais. Depois do "amém", olhei para o rosto do soldado.

— Deus a abençoe, irmã, — disse, estendendo a mão. — Tudo será bem mais fácil agora.

Nunca mais voltei a encontrar aquêle jovem. Mas, esteja onde estiver, sei que está perto de Deus.

Essa experiência me ensinou o verdadeiro sentido das palavras do Salvador: "Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus." (Mateus 14:14)) A fim de ser-se um bom próximo, e um só coração como família humana, é tão importante dar de si mesmo, como o fazem as crianças. Precisamos melhorar nossas atitudes e fazer uso dos instrumentos que constroem as pontes de um coração humano ao outro.

Carla Sanson, da Ala Pacific Palisades, Califórnia, criou-se em Hamburgo, Alemanha, onde testemunhou os acontecimentos da II Guerra Mundial. Atualmente, tem um filho servindo como missionário na Missão da Alemanha Ocidental.

“Olimpiadas”

no Rio de Janeiro - MBN

Charles Gunn



Uma irmã relatou-nos um interessante diálogo que teve com uma amiga que não é membro da Igreja:

— Não sei o que fazer com meus filhos. Saem de casa e nem sequer me dizem onde vão. Preocupa-me terrivelmente o que estariam eles fazendo.

— É mesmo um problema. Em casa não é assim, hoje, por exemplo, meus filhos estão na Igreja...

— Na Igreja? Não consigo fazer meus filhos irem à igreja nem aos domingos. Como você o consegue?

— Temos um programa de esportes na Igreja. Meus filhos adoram ir à Igreja todos os sábados para jogarem voleibol, cestobol e futebol. O programa é chamado “Olimpiadas”. Foi iniciado em setembro passado e todos os ramos da área do Rio de Janeiro tem jogado uns contra os outros. Há equipes para tôdas as idades: rapazes e môças, maiores e menores de 16 anos, adultos casados. Há jogos tôdas as noites de sexta-feira e tardes de sábado. Nossa família simplesmente adora isso. E o melhor é que terminará somente no Natal, o que significa que tôdas as sextas-feiras e sábados nossa família tem algo para fazer junta que nos ajudará a nos tornarmos melhores amigos dos membros de todos os ramos.

— Isto é realmente interessante. Aliás, qual é mesmo a Igreja a que você disse que pertencia...?

Missão Brasil Norte

Crescimento Acelerado

RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	PRESIDENTE	N.º de Membros	N.º de Famílias	N.º de Mis- sionários	CONVERSÕES Agosto	TOTAL
Anápolis	(não há ramo)				4	—	—
Belo Horizonte	R. Levindo Lopes, 214	Cláudio I. Bueno	429	161	12	18	59
Floresta	R. Levindo Lopes, 214	Robert G. Taylor	264	103	8	1	17
Brasília	Av. W5, mod. 59, n.º 913	Pedro B. Pradera	364	143	8	5	33
Goiânia	R. 55, n.º 33, CP 714	Fenton L. Broadhead	197	76	8	3	68
Juiz de Fora	R. Espírito Santo, 743	Gerold Rey	270	92	6	—	10
TOTAL DA ÁREA			1524	575	46	27	187
Cascadura	R. Silva Telles, 99	Ovídio C. Vieira	431	124	22	9	87
Jardim Botânico	R. Zara, 17	Val H. Carter	406	134	14	5	24
Meier	R. Silva Telles, 99	Mário N. Campanella	262	102	8	6	52
Niterói	R. Miguel Couto, 413	Geraldo de J. S. e Silva	364	129	16	3	42
Nova Friburgo	Av. Galdino do Vale, 43	Kent Gale	57	15	4	2	17
Petrópolis	R. Tereza, 52	Waldemar Sandri	149	57	4	—	9
Teresópolis	R. Carmela Dutra, 661	João Bonatti	124	48	2	—	—
Tijuca	R. Silva Telles, 99	Valdemar Cury	392	195	14	8	53
Vitória	R. Barão de Monjardim, 107	Elverson B. T. Miranda	91	20	4	1	9
Volta Redonda	R. Panamá, 11	Heraldo B. Barroso	83	20	—	—	—
DISTRITO DO RIO DE JANEIRO	R. Silva Telles, 99	JOÃO A. DIAS FILHO	2359	783	88	34	293
Campina Grande	R. Siqueira Campos, 655	José F. Barbosa	82	21	4	11	20
Fortaleza	R. Barão de Aracati, 786	Paige Jeffs	68	23	8	—	14
João Pessoa	Av. João Machado, 765	Luís P. de Carvalho	157	31	4	9	12
Maceió	R. Uruguai, 321	Dean Cleverly	56	14	4	—	5
Recife	R. das Ninfas, 30	Evaldo F. de Oliveira	436	149	12	8	37
DISTRITO DE PERNAMBUCO	R. das Ninfas, 30	ALFREDO F.T. DE MIRANDA	799	238	32	28	88
MISSÃO BRASIL NORTE	R. Stefan Zweig, 158	HAL R. JOHNSON	4682	1596	166	89	568



Atrás, a partir da esq., Pres. Angelo B. Perillo, do DBH; Cláudio I. Bueno, do Ramo de BH; na frente, da esq. para a dir.: Allen Hanson, 2.º Cons.; Pres. Hal R. Johnson; Walmir Silva, 1.º Cons.; da MBN e Pres. Robert G. Taylor, do Ramo da Floresta.

O Rumo dos Ramos em

Belo Horizonte - MBN

O fenomenal sucesso da obra evangélica que o Brasil vem experimentando tem conduzido ao desmembramento das unidades existentes e a criação de novas.

Esse crescimento tem se mostrado de maneira atuante nas áreas abrangidas pela MBN, a exemplo, com a presença de membros e amigos da Igreja, realizou-se dia 25 de outubro passado, na capela de Belo Horizonte, importante conferência que contou com a presença das autoridades daquela Missão, lideradas pelo Presidente Hal R. Johnson, na oportunidade foi proposta a criação do **Distrito de Belo Horizonte**, que congregaria os ramos

de Belo Horizonte, liderado pelo Presidente Cláudio I. Bueno; Floresta, liderado pelo Presidente Robert G. Taylor e Juiz de Fora, presidido pelo Elder Jerald A. Roy. Com o apoio integral dos santos da região foi chamado a dirigir essa nova unidade o Presidente Angelo B. Perillo, tendo por 1.º Cons. Jefferson G. Souza e 2.º Cons. Daniel Laguardia, secretariados por Itamar Braga.

Das proposituras apresentadas pelos novos líderes a primeira é estudar a viabilidade de um futuro desmembramento dos atuais ramos da capital belorizontina dando origem a um terceiro, ao que indica, a ser instalado no Bairro Industrial, daquela cidade.

Côro dos Ramos de Belo Horizonte e Floresta, durante a conferência.



A congregação ergue o braço em sinal de apoio à criação do DBH.





Missionários e membros participaram ativamente da exposição.

Expo-Móvel em Goiânia

Sob todos os aspectos, a exposição móvel realizada em agosto passado em Goiânia foi um grande sucesso. Durante os dez dias em que esteve aberta ao público, mais de mil pessoas a visitaram. Inicialmente esteve montada na capela do Ramo de Goiânia (Rua 55, 33 — Bairro Popular); porém, quando o Vice-Governador do estado a visitou, impressionou-se o suficiente providenciando sua mudança a um novo edifício comercial no centro da cidade.

O ramo, com 150 membros e 8 missionários, participou ativamente para efetivar a exposição. Mais de 250

referências foram recebidas, o que animou bastante os membros que tanto trabalharam para fazer com que a exposição obtivesse sucesso.

A exposição consistiu de material transportado de Belo Horizonte e foi usado com bastante imaginação pelos irmãos do planalto central que acrescentaram os toques originais responsáveis pelo êxito conseguido. A mostra produziu ótimos efeitos na população local, que vem se tornando mais receptiva à mensagem dos missionários, passando a recebê-los mais atenciosamente.

de um informe do Élder David Jones

Élder Haight manifestou-se com respeito à palavra:

“Quase”

Com a visita do Élder David B. Haight ao Brasil, em setembro passado, missionários e membros tiveram a oportunidade de ouvirem e falarem com um homem inspirado de Deus. Um dos mais significativos pronunciamentos que fez foi com respeito à palavra “quase”.

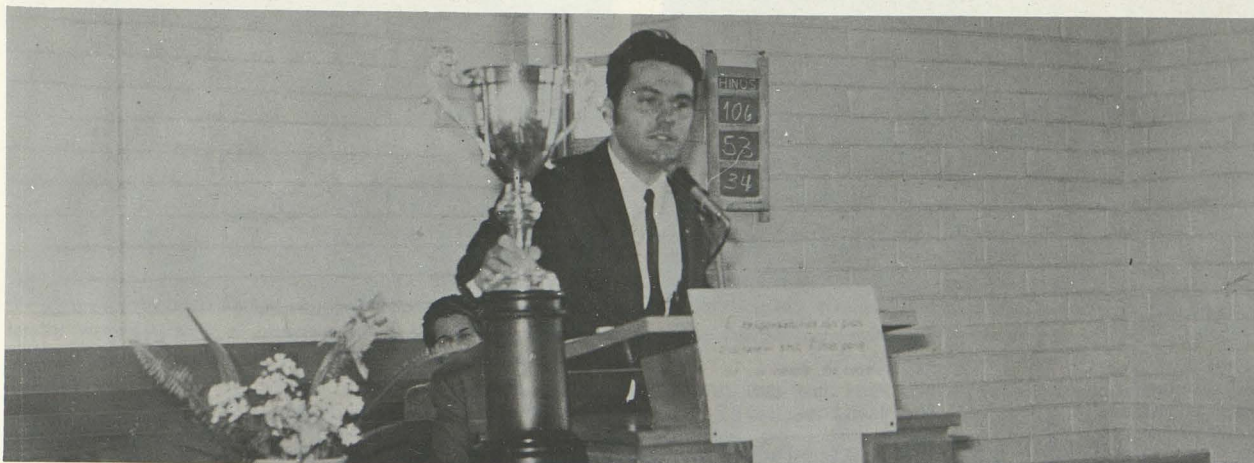
Como membros da Igreja de Jesus Cristo, fomos abençoados com um verdadeiro conhecimento do conceito de Deus. Sabemos de nosso potencial pessoal, que podemos nos tornar como Deus e viver para sempre com ele no reino celestial. Compreendemos que para vivermos com Deus precisamos nos tornar perfeitos. Pode você imaginar a consternação de não se atingir a perfeição, o sofrimento mental de ter que repetir para si continuamente: “Quase cheguei a ser digno de ser admitido na glória celestial?”

No conceito SUD, o inferno é um lugar de consciência de culpa, conhecimento de que você teria se saído melhor se tivesse se esforçado mais. Dizer: “quase conseguiu” não trará paz à mente.

“Quase” não basta a nenhum SUD durante a existência mortal. Nenhum jovem SUD poderia obter um emprego altamente qualificado para o qual ele “quase” estudou e nenhum vendedor SUD poderá alimentar sua família com a venda que ele “quase” fez.

Fomos escolhidos desde a fundação do mundo para sermos o povo mais reto da terra e não o povo “quase reto”. “Quase” nos impedirá de receber a exaltação eterna. Devemos nos lembrar de que, aos olhos de Deus, “quase bom” não é bom suficiente.

(de um informe de Bruce Howard)



O Bispo Nelson de Genaro, da Ala de Sorocaba I, apresenta a sua congregação a Taça do Presidente, conquistada merecidamente.

A Taça do Presidente

Bruce Howard

Quando os membros da Igreja perguntavam a Joseph Smith qual era a coisa mais importante que poderiam fazer, sua resposta era invariavelmente a mesma: "Preguem arrependimento a êste povo e tragam almas de volta à presença do Pai Celestial." O maior chamado do homem no seu estado mortal é a pregação do Evangelho.

Cada um de nós, como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, temos a oportunidade e a responsabilidade de convidar as pessoas a conhecerem mais sôbre o Evangelho de Jesus Cristo, mas muitas vêzes encontramos problemas: ou não sabemos como iniciar uma palestra sôbre a Igreja ou não estamos muito dispostos a fazê-lo. Por essa razão, temos na Igreja a organização missionária.

O Presidente da missão ensina os missionários a serem melhores em seu trabalho, reúne-se amiúde com êles, abre-lhes novas perspectivas e encoraja-os a esforçarem-se mais. Por sua vez os missionários visitam os membros e fazem o mesmo.

Para encorajar tanto os missionários quanto os membros a darem tudo de si para trazerem mais almas ao conhecimento do Evangelho, a MBC criou um troféu rotativo chamado TAÇA DO PRESIDENTE. Quinzenalmente, ao reunirem-se os líderes de zona para avaliarem o trabalho e discutirem problemas e novas idéias,

verifica-se em qual zona produziu-se o maior número de conversões, à qual caberá o privilégio de reter o troféu até a reunião seguinte. No final de cada mês, o nome da zona que alcançou o maior número de conversões (e o nome dos ramos que a compreendem) é gravado no troféu. Congratulações a Sorocaba I e II por terem ganho a taça no primeiro mês. No troféu será gravado: Setembro de 1970 — Zona III — Sorocaba I e II.

Este programa é uma oportunidade de obter um reconhecimento visível por fazer a obra do Senhor. Lembremo-nos, entretanto, de que cada batismo representa um filho do nosso Pai Celestial que veio a obter um verdadeiro conhecimento de Deus. Cada batismo significa que mais um dos nossos irmãos aqui na terra teve a oportunidade de vir a ser verdadeiramente feliz vivendo a vida que nosso Pai Celeste deseja que vivemos.

Lembre-mos também da promessa feita a nós, quando ajudamos nossos amigos a entrarem para Igreja: "E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a êste povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai. E agora, se a vossa alegria fôr grande com uma só alma que trouxeste a mim no reino de meu Pai, quão grande será a vossa alegria se me trouxerdes muitas almas!" (D&C 18:15-16)

MBC - Desenvolve-se

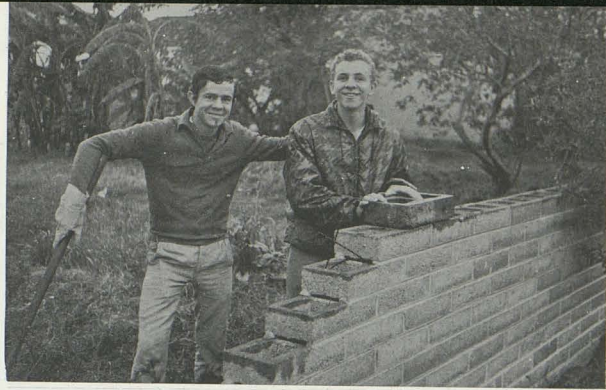
“Ide por todo mundo, pregai o evangelho a tôda criatura...”

Marcos 16:15

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	ENDEREÇO	BISPOS/ PRESIDENTES	MISSIONÁRIOS		CONVERSÕES
			Integral	Setembro	Total
Ala III — S. Amaro	R. São Benedito, 504	Juan C. Vidal	4	3	50
Ala IV — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Benjamin O. Almeida	4	2	45
Ala V — Pinheiros	R. Brig. Faria Lima, 1980	Humberto Silveira	6	5	54
Ala VI — Perdizes	R. Caiubi, 345	Mituo Ikemoto	4	7	65
Ala VII — Casa Verde	R. Antenor Guerlândia, 34	Giorgios H. Orfanos	2	2	21
Ala VIII — Santana	R. Padre Donizetti T. Lima, 28	Mitsuru Kikuchi	6	2	89
Sorocaba I	R. Gen. Osório, 515	Nelson de Genaro	4	32	123
Sorocaba II	R. Gen. Osório, 515	Raimundo José Libânio	4	7	16
Jaçanã	R. Francisco Rodrigues, 67	Benedito Pires Dias	2	5	20
Lapa	R. Guararapes, 470	Oswaldo S. Camargo	2	—	17
Pedreira	R. Prof. Guilherme B. Sabino, 151	Alberto Barbagallo	2	2	9
Osasco	R. Caldas Taio, 265	João M. de Souza	2	3	26
ESTACA SÃO PAULO	R. Brig. Faria Lima, 1980	WALTER SPÄT	42	70	535
Ala I — Vila Mariana	R. Maurício Klabin, 92	Rodamés Sceppa	6	3	101
Ala II — B. Saúde	R. Ibituruna, 82	Antonio Andreolli	4	1	70
Ala IX — V. Maria	Av. Guilherme Cotching, 129	Gentil de Souza	2	2	23
Ala X — Penha	R. Rodovalho Júnior, 666	José M. Rodrigues Filho	6	6	78
Ala XI — Moóca	R. da Moóca, 4835	Wagner dos Santos	6	2	91
Cambucí	R. Lavapés, 1051	José G. Galhardo	2	1	11
Ipiranga	R. Maurício Klabin, 92	Edgar Nascimbeni	4	3	27
Jabaquara	R. Ibituruna, 82	Ilo M. de Souza	4	1	3
Vila Prudente	R. Ibitirama, 700	José Vieira Netto	4	4	23
ESTACA SÃO PAULO LESTE	R. Ibituruna, 82	HELIO DA R. CAMARGO	38	23	427
Ala de Santo André	R. Catequese, 432	João Fin	6	5	88
Ala de Santos	Av. Valdemar Leão, 305	Joaquim Martinez	8	8	92
Ala de São Vicente	R. Dom Lara, 504	Armando Jekabson	4	3	60
Gonzaga	R. Paraíba, 94	Mario S. Azevedo	2	2	23
Mauá	R. Alvares Machado, 19	Victor V. Vespolli	2	3	10
Santo André II	R. Catequese, 432	Mario Mazzaro	2	—	—
São Bernardo	R. Cândido Portinari, 68	Walfrido A. Silveira	2	—	17
São Caetano	R. Maranhão, 944	Antonio J. Padula	2	—	7
ESTACA SÃO PAULO SUL	R. Catequese, 432	SAUL M. DE OLIVEIRA	28	21	297
Campinas I	R. Duque de Caxias, 645	Elésio Ribeiro	2	—	16
Campinas II	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	Eduardo C. Nalli	2	—	13
Campinas III	R. Duque de Caxias, 645	Álvaro Cunha	2	11	32
Campinas IV	R. Duque de Caxias, 645	Jesus P. Busto	2	6	49
Jundiá	R. Bartolomeu Lourenço, 202	Francisco Ribeiro	2	2	9
Piracicaba	R. Moraes Barros, 369	Nelson Gonçalves	2	3	16
Rio Claro	R. Seis, 1438	Michael Groesbeck	2	—	9
São José dos Campos	Av. Mal. Floriano Peixoto, 208	Expedito J. Saraiva	2	—	8
DISTRITO DE CAMPINAS	R. Frei Manoel Ressurreição, 696	IVALDO MARTINS	16	22	152
Araraquara	R. Voluntários da Pátria, 1209	Geraldo de Mendonça	4	9	35
Baurú	R. Gustavo Maciel, 1641	Roberto Andelin	2	2	23
Marília	R. Lima e Costa, 318	Masakazu Watabe	2	3	22
Ribeirão Preto	R. São Sebastião, 1003	Orivaldo dos Santos	6	4	51
DISTRITO DE ARARAQUARA	R. Voluntários da Pátria, 1209	JALAL SAMAHA	14	12	131
Araçatuba	R. Luiz Pereira Barreto, 245	Jair de Oliveira	4	4	51
Presidente Prudente	R. Pedro de Oliveira Costa, 234	Michael Deputy	4	4	18
São José do Rio Preto	R. Mal. Deodoro, 2846	Oscar de Oliveira	4	2	24
DISTRITO DE ARAÇATUBA	R. Luiz Pereira Barreto, 245	HORÁCIO SAITO	12	10	93
Apucarana	R. Clotário Portugal, 1126	José G. Testa	2	—	9
Londrina	R. Belo Horizonte, 1236	João Finardi	2	1	18
Maringá	R. 15 de Novembro, 1040	Ciro L. da Silva	2	5	13
DISTRITO DE LONDRINA	R. Belo Horizonte, 1236	GUNTHER SALIK	6	6	40
Curitiba I	Av. Iguassu, 1460	Jorgi Aoto	4	5	78
Curitiba II	R. Gottlieb Muller, 96	Enos de Castro Deus	2	7	70
Curitiba III	R. Mateus Leme,	Francisco Gomes	4	2	31
Curitiba IV	Av. Iguassu, 1460	Leví Gaertner	4	10	62
Curitiba V	R. Gottlieb Muller, 96	Ismael Cordeiro, Jr.	4	4	21
Curitiba VI	R. Bonifácio Vilella,	Rosaldo Gaertner	2	4	50
Curitiba VII	R. Bonifácio Vilella,	Bruno Smatz	2	7	7
DISTRITO DE CURITIBA	R. Gottlieb Muller, 96	JASON GARCIA SOUZA	22	39	319
MISSÃO BRASIL CENTRAL	R. Henrique Monteiro, 215	SHERMAN H. HIBBERT	178	203	1994



Na foto, Alfredo à esq. e Wagner à dir., durante seus estudos do evangelho que fazem tôdas as manhãs.



O trabalho nas construções torna-se mais agradável quando desenvolve-se o companheirismo.

Construtores de Capelas

Manoel Marcelino Netto

É bom ser útil, principalmente quando se pode ser útil ajudando a edificar o reino de Deus na terra. Você gostaria de dedicar-se por dois anos inteiramente ao serviço do Senhor? Se você possui um forte testemunho, fôrça de vontade, saúde e guarda fielmente os mandamentos do Senhor, você preenche todos os requisitos para ser chamado a servir como **Construtor de Capelas**. Procure seu bispo ou presidente de ramo se você sente que pode servir ao Senhor neste momento em que a Igreja está crescendo tão aceleradamente.

Muitos jovens estão sendo chamados a servir neste grande trabalho. Alfredo R. Somermann, de Pôrto Alegre VII, assim se expressa sôbre o seu chamado: "Sinto-me honrado em poder contribuir com o trabalho das

minhas mãos para a edificação do reino construindo capelas onde os santos possam voltar-se para o Senhor em conforto. Ao edificar capelas, tendo edificado também o meu espírito." Alfredo tem apenas dezessete anos e está servindo junto a Wagner da Silva, de Pôrto Alegre V, também com dezessete anos. A respeito dos onze meses que já está em missão, diz Wagner: "Sou muito grato ao Pai Celestial pelo privilégio de poder servir à sua Igreja. Tenho recebido muitas bênçãos e tenho tido oportunidade de ajudar na pregação do Evangelho. Tenho fortalecido meu testemunho do Evangelho e tenho procurado magnificar meu chamado desenvolvendo os talentos: a custo de muito esforço estou aprendendo a tocar ao órgão e já posso ajudar na AMM como organista."

Chamado a Servir

Desde dezembro de 1969, o Departamento de Construção da Igreja no Brasil tem nova supervisão. Com o término do chamado do Elder Dean R. Heaton, que ocupava o cargo de supervisor da área brasileira, foi chamado a liderar êste setor da Igreja o Elder Franklin Ross Jensen.

Elder Jensen, nascido em Blackfoot, Idaho, em 6 de maio de 1924, descendente de pioneiros da Igreja, aprendeu desde a infância a amar, louvar e dedicar uma boa parcela do seu tempo ao Evangelho. Serviu com distinção em missão de proselitismo no Brasil de 1946 a 1949.

Em 1961 foi chamado para supervisor da construção da capela do Ramo de Pôrto Alegre I, a primeira no Brasil a adotar o sistema de missionários construtores.

Em 1963 teve a oportunidade de supervisionar também a construção da capela de Pôrto Alegre II. Ao terminar seu trabalho como supervisor de construção de projetos em 1964, foi designado supervisor de construção da área do Chile, aí trabalhando de 1964 a 65, após o que retirou-se para Pasco, Washington, passando a trabalhar por conta própria como construtor até 1969, quando então aceitou um contrato da Igreja para a posição que ora ocupa.

Casado com Norma Wright Jensen, é pai de quatro filhos. Quando se conversa à vontade com o Irmão Jensen, percebe-se logo que seu passatempo favorito é uma boa pescaria, prática à qual não tem podido dedicar-se muito nestes dias quando as perspectivas de novas construções no Brasil têm-lhe ocupado quase todo o tempo.



Elder Monte Stewart, da MBN, tem obtido muito sucesso com o programa.



Elder "D" Casperson, quando da sua participação ativa na campanha.

A LIAHONA

contato eficaz

Edward D. Casperson

Muitas vezes após inúmeras horas dispensadas com um investigador, o missionário deixa-o porque a mensagem não estava sendo bem recebida. Talvez algum dia outros missionários baterão naquela mesma porta e após a visita de diferentes duplas de missionários, quem sabe o investigador seja convertido.

Quanto tempo tomou êsse processo de conversão? Haveria uma possibilidade de reduzir êsse tempo? O pessoal d'A LIAHONA apresentou a nós missionários um plano que oferece ao investigador não apenas 5 ou 6

possíveis oportunidades, mas 12 contatos eficazes e contínuos com a Igreja.

Todos nós estamos equipados com uma **pasta promocional da revista**. De maneira que podemos mediante a venda de uma subscrição, oferecer condições ao investigador não preparado para a aceitação imediata, o meio de obter um testemunho do Evangelho, através das páginas da revista.

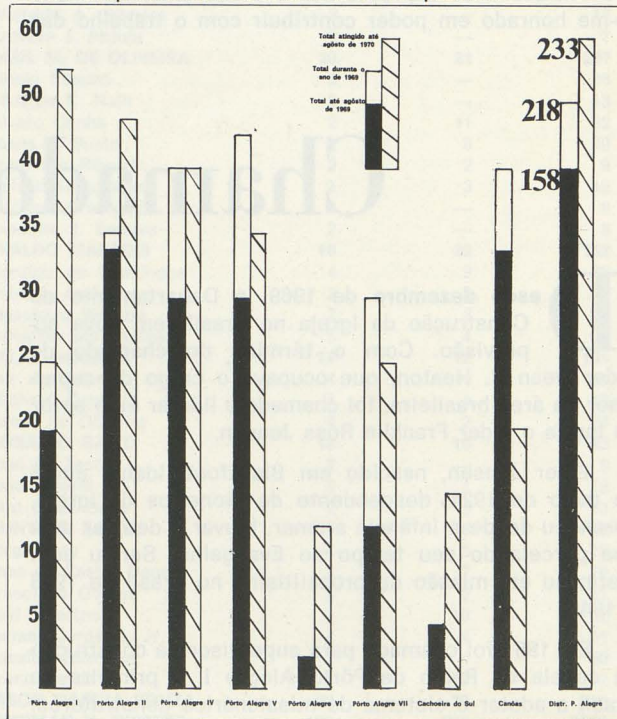
E nós os missionários compreendendo o número de frutos que pode ser colhido com êste programa, estamos ocupadíssimos colocando-o em prática.

Futura Estaca de Sião

Steven L. Sharmahd

Esta comparação entre períodos iguais (batismos de setembro de 1968 até agosto de 1969 com batismos de setembro de 1969 até agosto de 1970) demonstra o grande desenvolvimento que vem colocando em merecido destaque o Distrito de Pôrto Alegre.

Tal progresso na obra missionária tem sido o resultado do interesse e dedicação dos membros e missionários distritais e missionários de tempo integral entusiasmados em cooperar para breve consecução de uma estaca gaúcha, para a qual o Distrito vem se preparando intensamente.





Da esq. para a dir.: Jay Holloman, Keith Finlayson, James Arrington e Douglas Cardon, numa das apresentações na TV gaúcha.

“Mor-Môços”

Divulgam a Igreja no Sul

Um dos meios que mais têm sido utilizados por missionários em todo o Brasil para divulgar a Mensagem é a música. Solos, duetos, trios e quartetos tem sido formados e conduzido apresentações de sucesso que, não obstante certas dificuldades, tem produzido bons frutos e preparado pessoas para tornarem-se mais receptivas ao Evangelho.

Também na MBS jovens missionários tem empregado seu talento musical para apresentarem a Igreja. Os

élderes Jay Holloman, Keith Finlayson, James Arrington e Douglas Cardon formaram o Quarteto “Mor-Moços” e desde agosto têm se apresentado em várias cidades do Rio Grande do Sul, em clubes, salões e canais de televisão estações de rádio, produzindo sensíveis resultados para obra missionária.

Para facilitar as apresentações do conjunto, aranjando programas, equipamento e cuidando da publicidade, foram chamados os élderes Joseph Collet e Gregory Horne, que funcionarão como empresários.

Missão Gaúcha Desenvolve-se

Jaime Gargioni

Após quase cinco meses de árduo trabalho, o Distrito de Pôrto Alegre começa a colher os primeiros frutos do trabalho missionário distrital. A intensa atividade desenvolvida nos vários ramos da Capital gaúcha já resultou em várias conversões que deverão fortalecer a Igreja nessa cidade.

Comentando sôbre o trabalho que vem sendo realizado, diz Jaime Gargioni, Presidente da Missão do Distrito de Pôrto Alegre: “As alegrias do batismo não são fáceis. Dificuldades muitas vêzes entravam a obra, exigindo dos missionários tôda espécie de sacrifícios. Na realidade, êste chamado só é aceito e cumprido por aquêles que realmente entendem o significado da segunda vinda de Jesus Cristo, por aquêles para quem o amor ao próximo é a melhor expressão do amor a Deus.”

A fim de obter melhores resultados pela concentração de esforços está sendo estudada a conjugação do trabalho dos missionários distritais com o dos missionários de tempo integral.

Por ocasião da última conferência distrital de Pôrto Alegre, realizada em agosto passado, quatro novos missionários distritais foram chamados e apoiados: Marco A. Pinheiro e Eno Leal, de Pôrto Alegre IV, trabalharão juntos; o chamado de Terezinha Costa e Izélia Nunes aumentou para seis o número de missionários distritais de Pôrto Alegre V.

Dedicando tôda a sua capacidade para bem representar a Igreja no Sul, os novos missionários integram um dos grupos que mais trabalham pela formação da futura Estaca de Pôrto Alegre.

Se Estivesse Acontecendo Conosco

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Na antiga Atenas, respondendo à questão de como poderia ser eliminada a criminalidade, disse Sólon: "(O crime) será abolido, quando todos os não ofendidos sentirem a mesma indignação daqueles que o foram" Ouve-se freqüentemente a tão conhecida frase: "Estou aqui pela graça de Deus" E o mesmo poderia dar-se com todos nós, sob certas circunstâncias — doença, acidente, agressão — necessitando de auxílio, necessitando literalmente de alguém que nos salve. E como, então, ignorar as sérias, suplicantes necessidades alheias? Como mostrar-se indiferente diante de uma situação real, desesperada? "O maior pecado contra a humanidade," afirmou o jornalista, crítico e dramaturgo irlandês George Bernard Shaw, "não é odiá-la — mas ser indiferente a ela." Muito se fala, e aparentemente há grande preocupação sôbre o povo e seus problemas, mas muito amiúde também há indiferença patente em reagir às necessidades imediatas e urgentes das pessoas individualmente — a ponto de nos recusarmos a socorrer nosso semelhante com a desculpa, às vezes desumana, de não quereremos ser envolvidos. Vêzes demais é uma réplica da parábola do Salvador sôbre o homem que foi atacado, roubado e largado como morto — e diversos "passaram de largo" fingindo nada ver ou ouvir — porém, poucas vêzes aparece em cena o bom samaritano. Temos as palavras de John Donne para lembrar-nos de que "nenhum homem é uma ilha", e sômente o fato de alguma coisa que acontece a outros não nos estar afetando naquele momento, não significa que somos imunes a ela. Se houver um cão raivoso à solta, não podemos saber quem será mordido. Não é racional nem seguro mostrar-se complacente quanto ao que acontece aos outros. Não é seguro pretender que aquilo não nos diz respeito. De certo modo, o que acontecer a qualquer um de nós, acontece a todos nós, e os que estiverem em dificuldade, precisam ser ajudados, se queremos uma sociedade segura e ordeira. E não nos deveríamos esquecer da preocupação que sentiríamos, se o que acontece a outros nos estivesse acontecendo — e como ficaríamos admirados, porque os outros se estariam afastando, fingindo nada ver, passando ao largo. "(O crime) será abolido, quando todos os não ofendidos sentirem a mesma indignação daqueles que o foram."